

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

<https://archive.org/details/revistainternaci3634unse>

REVISTA INTERNACIONAL

LAP DO ESPIRITISMO

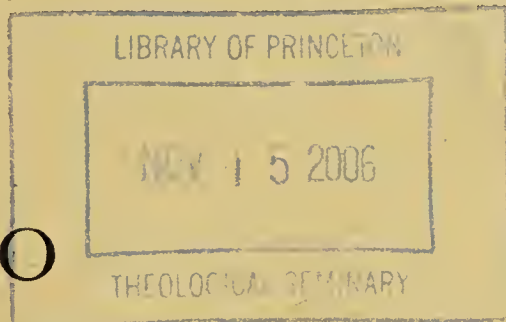
REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :

CAIRBAR SCHUTEL

(De 1925 a 1938)

SUMÁRIO



Allan Kardec — (O término de sua Missão)
Doutrina Cruel
A Fé sem Obras é Morta
Cairbar está presente... e se interessa !
Restabelecendo o equilíbrio nas relações Corpo-Espírito
Maravilhas do Século Vinte !
A Reencarnação e o silêncio de alguns homens de ciência
A Ciência e o Suicídio da Humanidade
Das Leis Penais e Espirituais
Mas o Mundo Melhorará
Ubiquidade e Bilocação
Hipnotismo e Espiritismo
No Roteiro de Jesus
Crônica Estrangeira
Espiritismo no Brasil
Necrologia

Redação

Mário Cavalcanti de Mello

Carlos Imbassahy

Mac Maynard

Irmão Saulo

Arnaldo S. Thiago

Deolindo Amorim

Antonio Domiciano P. Junior

Domério de Oliveira

v. Irenedo

Dr. Giuseppe M. Minardi

V. O. Casella

Aleixo Victor Magaldi

Redação

Redação

Redação

Vida e Atos dos Apóstolos

Livro de 296 páginas, é um trabalho de exclusiva orientação espírita, que salienta os estupendos fenômenos verificados no início do Cristianismo, ou fatos anímicos e espíritas, que constituem testemunho vivo da imortalidade, o fundamento racional do Cristianismo.

O autor desta obra, é o mesmo de «Parábolas e Ensinos de Jesus», e de «O Espírito do Cristianismo», complemento daquela, e, ainda, de «Interpretação Sintética do Apocalipse», — Cairbar Schutel.

À venda na Livraria «O Clarim».

Preço : Cr. \$ 100,00, e mais Cr. \$ 6,00 para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Cartas a Esmo

Entre as numerosas produções, deixadas por Cairbar Schutel, se encontra êsse precioso livrinho, já em 4.^a edição, de 1956, contendo resposta a D. Joaquim Domingues de Oliveira, Bispo de Florianópolis, seguida do Discurso do Bispo Strossmayer, pronunciado no Concílio de 1870 contra a infalibilidade do Papa.

Recomenda-se a sua leitura pelo valor das cartas esclarecedoras que encerra e do notável Discurso do Bispo Strossmayer, obra rara, e sempre da mais palpitante atualidade.

À venda na Livraria «O Clarim».

Preço : Cr. \$ 25,00, e mais Cr. \$ 6,00 para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Histeria e Fenômenos Psíquicos

Acaba de sair do prelo a nova edição do livrinho de Cairbar Schutel intitulado «Histeria e Fenômenos Psíquicos», há tanto tempo esperada, pois essa pequena obra tem sido sempre muito procurada.

Esta nova edição, que é a 4.^a, foi impressa em tipo 12, maior do que o das anteriores, o que facilita a leitura. Além disso, todo o livro foi confeccionado com maior cuidado, tudo contribuindo para boa apresentação dêsse antigo trabalho de Cairbar Schutel, cujo valor intrínseco é o de uma obra de síntese e de lógica sôbre a tese de seu título e das curas espíritas.

À venda na Livraria de «O Clarim» ao preço de cr\$ 25,00 e mais cr\$ 6,00 para o porte e registro.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Brasil, Coração do Mundo
Evolução em dois mundos
Caminho, Verdade e Vida
Parnaso de Além-Túmulo
Instruções Psicofônicas
Cartas de uma morta
A Caminho da Luz
Pensamento e Vida
Novas Mensagens
Contos e Apólogos
Pontos e Contos
Perolas do Além
Falando à Terra
Os Mensageiros
Gotas de Luz
O Consolador
Luz Acima
Fonte Viva
Ave Cristo
Emanuel
Voltei
Roteiro
Renúncia
Pai Nosso
Boa Nova
Nosso Lar
Libertação
Volta Bocage
Jesus no Lar
Agenda Cristã
Vinha de Luz
50 Anos Depois
Lázaro Redivivo
Há dois mil anos
Paulo e Estevam
No Mundo Maior
Missionários da Luz
Cartilha da Natureza
Vozes do Grande Além
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Crônicas de Além-Túmulo
Nos Domínios da Mediunidade

A VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»

Caixa Postal, 11 — MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabiliza pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *A. Watson Campêlo*

REDATOR : *Italo Ferreira*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação : Av. 28 de Agosto, n. 301 — Oficinas : Rua Rui Barbosa, n. 673

Allan Kardec - O término de sua Missão

A vontade de sondar o ignoto obsediava os homens. Havia desejo de conhecimentos. As leis ocultas deveriam ser reveladas. Pesquisavam-se manuscritos, rebuscavam-se papiros, interrogava-se a natureza em seus elementos, para cada vez mais enri-



ALLAN KARDEC

quecer o patrimônio do saber humano.

Foi na metade do século passado, quando o materialismo parecia ter-se firmado em rocha indestrutível, que surgiu a manifestação dos fenômenos psíquicos no seio da família Fox, na modesta aldeia de Hydesville, Estados Unidos, alar-

mada com as entidades espirituais. Mas essas manifestações tinham o propósito de revelar ao mundo a mais brilhante página da espiritualidade, que a experiência e a acuidade não lograram atingir.

Os fatos psíquicos ali revelados foram a base de fenômenos assombrosos que mais adiante iriam irradiar para todos os recantos do mundo, agitando povos, convulcionando as ciências, derruindo preconceitos, redimindo a moral combalida e arregimentando conhecimentos das Verdades eternas, ainda mescladas ao empirismo religioso da época.

A sociedade premia os cérebros dos sábios, uma interrogação constante se abria à face da ciência.

A França estava fadada a doar à humanidade um grande Missionário. Este compreendeu logo a gravidade da tarefa que ia emprender, pois descobriu nesses fenômenos a chave do problema, tão obscuro e contravertido. Recebeu nes-

sas manifestações a idéia de uma revolução completa nas crenças do mundo.

Efetivamente, as manifestações psíquicas só tem o fim de demonstrar a imortalidade.

Allan Kardec fez suas experiências através de inteligências comunicantes, por meio de perguntas e respostas, obtendo, por esse meio, todo o material necessário para escrever suas obras.

Foi depois das provas por ele colhidas que se dedicou à tarefa de coligir e codificar os Ensinos dos Espíritos. Em seguida fundou a Sociedade de Estudos Psíquicos, publicou «La Revue Spirite», isto após dar à lume suas instrutivas obras: *Livro dos Espíritos, Livro dos Médiuns, Evangelho Segundo o Espiritismo, Céu e Inferno e Gênese*, livros esses publicados em edições sucessivas e traduzidas em todos os idiomas.

Allan Kardec proclamou o princípio das vidas sucessivas e dos mundos habitados, como meios de con-

quistar a Felicidade Eterna. A alma possui individualidade antes de se encarnar e conserva essa mesma individualidade ao separar-se do corpo carnal.

Durante todo tempo de exercício da nobre missão, o mestre foi incansável na difusão da Doutrina. Não só se dedicou à publicação de livros e revistas, mas visitava cidades, fazia conferências, incitando os ouvintes ao estudo e experimentação.

Mas chega o fim de sua atual missão, a 31 de Março de 1869, ao desprender-se do corpo físico. Todos os jornais da época se ocuparam do desencarne de Allan Kardec. Eis a título de recordação, o que a seu

respeito escreveu o sr. Pa-gês de Noiyez, no «*Jornal de Paris*», a 3/4/1869:

«Aquêlo que por tão longo tempo ocupou o mundo científico e religioso sob o pseudônimo de Allan Kardec, desencarnou aos 65 anos de idade.

«Vimo-lo deitado num simples colchão, no meio dessa sala de sessões que há tantos anos êle presidia; vimo-lo com o semblante calmo, como se extinguem aquêles a quem a morte não surpreende e que, tranquilos quanto ao resultado de uma vida honesta e laboriosamente preenchida, imprimem como que um reflexo de pureza de sua alma sôbre o corpo que abandonaram.

«Resignados pela fé em uma vida melhor, e pela certeza da imortalidade da alma, inúmeros discípulos, tinham vindo lançar um último olhar àqueles lábios descorados que, ainda na véspera lhes falavam a linguagem da terra. Mas êles recebiam, já, a consolação de além túmulo: o espírito de Allan Kardec veio dizer-lhes quais as suas primeiras impressões, quais, dos que o haviam precedido no além túmulo, tinham vindo ajudar sua alma a desprender-se da matéria. Se «o estilo é o homem», aquêles que conheceram Allan Kardec em vida não podem deixar de ficar emocionados pela autenticidade dessa comunicação espírita».

DOCTRINA CRUEL

MÁRIO CAVALCANTI DE MELLO

III

Quem quer que haja lido os nossos dois primeiros artigos, deve ter verificado o espírito de intolerância que orientou a Igreja romana em todos os tempos.

Mas, naturalmente, indagarão os leitores: onde foi a Igreja inspirar-se para ser sempre a mesma em matéria de intolerância? Para assim proceder deve haver uma razão muito forte e esta razão existe: o Antigo Testamento. O Deus dos judeus passou a ser o Deus dos católicos.

Ninguém ignora as qualidades negativas do Jeová da Bíblia. Ninguém, melhor que Kardec pintou o retrato do deus de Abraão, de Isaque, de Jacó. Um deus terrível, ciumento, vingativo, sanguinário, um deus cruel e implacável que rega a terra com sangue humano, que ordena a tortura e o extermínio dos povos, sem excetuar as mulheres, as crianças e os velhos; que castiga aquêles que poupam as vítimas; que pune um povo inteiro pela falta de um chefe; que se vinga do culpado na pes-

soa do inocente; que fere os filhos pelas faltas dos pais; o deus de um povo privilegiado; o deus dos exércitos, que preside a combates, para sustentar a sua própria causa contra o deus dos outros povos; um deus que recompensa e pune só pelos bens da terra, que faz consistir a glória e a felicidade na escravidão dos povos rivais e na multiplicidade da progeneritura; o deus que faz da vingança uma virtude e ordena retribuir ôlho por ôlho, dente por dente...

Eis aí, caros leitores, o retrato da intolerância da Igreja romana.

Êste Jeová, o deus dos católicos, dos judeus e de alguns espíritas, é o mesmo que um dia promulgou êste horrível decreto:

«Quando te incitar teu irmão, filho da tua mãe; ou teu filho, ou tua filha, ou a mulher de teu seio, ou teu amigo que te é como tua alma, dizendo-te em segredo: Vamos e sirvamos a outros deuses que não conheçeste.

nem tu nem teus pais; dentre os deuses dos povos que estão em redor de vós, perto ou longe de ti, desde uma extremidade da Terra até a outra extremidade; não consentirás com êle, nem ouvirás, nem o teu ôlho o poupará, nem terás piedade dêle, nem o esconderás; mas certamente o matarás; a tua mão será a primeira contra êle, para o matar, e depois a mão de todo o povo; e com pedras o apedrejarás, até que morra, pois te procurou apartar de Senhor teu Deus, que te tirou da terra do Egito, da casa da servidão. Quando ouvires dizer de alguma das tuas cidades que o Senhor teu Deus te dá, para ali habitar: uns homens filhos de Belial, saíram do meio de ti, que incitaram os moradores de sua cidade, dizendo: Vamos e sirvamos a outros deuses que não conhecestes; então inquirirás da verdade e certo, que se fêz uma tal abominação no meio de ti, então certamente ferirás ao fio da espada os moradores daquela cidade, destruindo ao fio da espada a ela e a tudo o que nela houver, até os animais; E ajuntarás todo o seu despôjo no meio de sua praça; e a cidade e todo o seu despojo queimarás totalmente para o Senhor teu Deus, e será montão perpétuo; nunca mais se edificará». (Deut. XIII, 6 a 16).

Poderíamos arrolar fatos, para demonstrar como, na ocasião oportuna, eram observadas essas prescrições. Mostraremos um ou dois.

«Jeová, por intermédio do profeta Elizeu, escolheu e sagrou Jehu, para ser em Samaria, o executor de suas vinganças contra a casa de Acab e os adoradores de Baal. «Eu te ungi rei de Israel, disse o profeta, e extinguirás tôda a casa de Acab teu amo, e vingarás o sangue dos profetas, meus servidores». Jehu acabara de cumprir a primeira parte de sua missão. — «Fêz em seguida reunir todo o povo e lhe disse: Acab deu pequeno culto a Baal; mas eu lhe tributarei maior culto. Que me façam, pois, vir a mim todos os profetas de Baal, todos os seus ministros e todos os seus sacerdotes; que não falte um único, pois quero fazer um grande sacrifício a Baal. O

que não se encontrar aqui será punido de morte. Ora, isto era uma peça que Jehu pregava aos adoradores de Baal para exterminá-los... Êle disse: que se anuncie uma festa solene em honra de Baal. E enviou a chamá-los por todos os limites de Israel, e vieram todos os servos de Baal, não ficou nenhum só que não viesse. E entraram no templo de Baal; e encheu se a casa de Baal de principio até o fim. E tendo entrado Jehu no templo de Baal, disse a seus adoradores: Examinai e vêde bem não esteja entre vós alguns dos ministros do Senhor, mas que estejam somente os servos de Baal. Entraram êles pois para oferecerem as suas vítimas, e os seus holocaustos. Jehu porém tinha prontos da parte de fora oitenta homens, e tinha-lhes dito: Se escapar um só homem dêstes que eu vos entregar às mãos, a vossa vida me será responsável pela sua. E aconteceu que oferecido o holocausto, ordenou Jehu a seus soldados e oficiais: Entrai, e matai nêles, não escape nenhum. E os soldados e os capitães os passaram a fio-de-espada, e os lançaram fora; e foram à cidade do templo de Baal, e tiraram do templo a estátua de Baal, e em lugar dêle fizeram umas latrinas que ainda hoje persistem. Dêste modo Jehu aboliu Baal de Israel; mas êle não se apartou dos pecados de Jeroboão, filho de Nabá, que fêz pecar a Irsael, nem abandonou os novilhos de ouro, que estavam em Bethel, e em Dan. Disse, pois, o Senhor a Jehu: Porque tu cumpriste rigorosamente o que era justo, e agradável aos meus olhos... teus filhos se assentarão no trono de Israel até a quarta geração». (IV Reis, c. X)

Elias, aquela figura venerável, que subiu aos céus em um carro de fogo, um dos profetas mais prestigiados pela cristandade, degolou, êle mesmo, no ribeiro de Kison, os seus colegas de Baal. Porque? Porque a religião dos adeptos de Baal não era a de Jeová.

Desta forma, não podemos negar coerência a uma religião que segue as prescrições de seu Deus. O que são os heréticos? São indivíduos que professam doutrinas condenadas pela Igreja católica. E o que ordenava Jeová que

se fizesse com os heréticos de sua doutrina? Aquilo que Elizeu ordenou que Jehu fizesse e que o profeta Elias, êle mesmo, pôs em prática, degolando os profetas de Baal, por pertencerem a uma religião diversa da sua. Assim sendo, são coerentes os católicos quando põem em prática os conselhos do deus dos judeus. Quando se aceita um Deus é porque nós o julgamos digno de imitação sob todos os aspectos. O que não é absolutamente coerente é o fato de homens, em pleno século XX, quando se ensaiam viagens planetárias ou inter-planetárias, aceitarem o deus de um povo selvagem, de um povo sem nenhuma instrução; um deus ignorante, faccioso, ciumento e dono dos piores defeitos humanos. De um deus desta natureza, só podiam partir exemplos degradantes. O verdadeiro Deus certamente não se ocuparia em ordenar trucidamentos para os que não lêssem por esta ou aquela cartilha religiosa. O verdadeiro Deus é um Deus infinito em suas qualidades; é um Deus de justiça, de amor e de perdão. Triste é dizer que não são apenas católicos e protestantes que aceitam como deus tão feroz potestade.

Infelizmente os Evangelhos têm sido interpretados de mil maneiras, por isso, o clero pensa apoiar-se em ensinamentos do Novo Testamento, afirmando que estes confirmam os do Antigo. E passam a citar Mateus e Lucas.

«Não julgueis que vim trazer paz à Terra; não vim trazer-lhe paz, mas espada;

«Porque vim a separar o homem contra seu pai, e a filha contra sua mãe, e a nora contra sua sogra;

«E os inimigos do homem serão os de sua própria casa».

(Mat. X, 34 a 36 — Luc., XII, 51 a 53).

Foi o Cristo que disse:

«O que não é comigo, é contra mim. (Mat., XII, 30 — Luc., XI, 23).

E' ainda o Cristo que afirma:

«E se os não ouvir, dize-o à Igreja, e se não ouvir a Igreja, tem-no por um gentio cu publicano». (Mat. XVIII, 17).

O que significa um objeto desprezível e odioso.

Em Mateus, VII, 19, lê-se:

«Tôda árvore que não dá bom fruto será cortada e metidã no fogo».

Fazemos de Jesus o mais elevado dos conceitos, temos por êle a maior admiração e o maior respeito, razão que nos impede de crer que êste luminar da humanidade seja possuidor de baixos sentimentos e capaz de cair em contradições grosseiras. Se o grande missionário pronunciou as palavras acima enunciamos, não teria sido, certamente, no sentido que a Igreja romana lhe pretende dar. Como é possível que o doce rabí da Galiléia haja emprestado sentido tão cruel às suas expressões, quando os Evangelhos afirmam que são dêle também estas palavras?

«Mas, se vós soubesseis o que significa: Misericórdia quero, e não sacrificio, não condenaríeis os inocentes». (Mat., XII, 7).

E ainda estas:

«Deixai crescer ambos juntos até a ceifa; e, por ocasião da ceifa, direi aos ceifeiros: Colhei primeiro o joio e atai-o em molhos para o queimar; Mas o trigo ajuntai-o no meu celeiro». (Mat. XIII, 30).

As palavras de intolerância de seus discípulos, o Mestre respondeu censurando-os:

«Jesus, porém, disse: Não lho proibais; porque ninguém há que faça milágres em meu nome e possa logo falar mal de mim».

«Porque quem não é contra nós é por nós». (Marc, IX, 39,40 — Luc., IX, 50)

Vejamos esta outra passagem:

«E os seus discípulos Tiago e João, vendo isto, disseram: Senhor, queres que digamos que desça fogo do Céu e os consuma, como Elias também o fêz?»

«Voltando-se porém, repreendeu-

os, e disse: *Vós não sabeis de que espírito sois*».

«Porque o Filho do Homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las. E foram para outra aldeia».

(Luc., IX, 54 a 56).

Consultemos o Evangelho de João:

«E, se alguém ouvir as minhas palavras, e não crer, eu não o julgo: porque eu vim, não para julgar o mundo, mas para salvar o mundo».

Como se observa, há uma flagrante contradição nos Evangelhos se dermos às primeiras citações a interpretação que a Igreja oferece. Como é que não se achando Jesus no direito de julgar os homens e sim salvá-los, quer a Igreja possuir o de vida e de morte daqueles que não crêem em seus ensinamentos?

Há, assim, uma interpretação errônea nos Evangelhos, ou Jesus não pronunciou aquelas palavras de intolerância. O Mestre não seria capaz de consentir, na época em que a Igreja tinha liberdade de matar, que se atirasse viva à fogueira uma criatura humana.

O que fez êle com a mulher adúltera, perseguida pela maldade dos ancestrais do clero romano, que a queriam apedrejar? Perdoou-a e aconselhou-a a não mais pecar, e apontou um a um, escrevendo na areia, os pecados dos que a acusavam. Assim, teria procedido êle para com os pobres e infelizes judeus, vítimas da sanha assassina dos adoradores do Jeová da Bíblia.

Jesus ensinou sempre a reforma íntima do homem e para desmentir tudo o que se inventaria em seu nome, êle disse:

«Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de tôda a tua alma e de todo o teu pensamento».

«Êste é o primeiro e grande mandamento.

«É o segundo, semelhante a êste, é: Amarás a teu próximo como a ti mesmo.

«Dêstes dois mandamentos depende tôda a lei e os profetas».

Como é possível amar a nosso próximo, enviando-o à fogueira, confiscando-lhe os bens? Se houve profetas que mataram por ódio, êstes profetas, segundo as próprias palavras atribuídas a Cristo, estavam fóra de lei.

E se Jesus disse: *«A cada um segundo suas obras»*, é porque êle não se preocupava com o modo dos homens adorarem a Deus. O que êle queria é que os homens fossem bons e aí vai a última prova:

«Quem me rejeitar a mim, e NÃO RECEBER AS MINHAS PALAVRAS, já tem quem o julgue; a palavra que tenho pregado. ESSA O HÁ DE JULGAR NO ÚLTIMO DIA». (Jo., XII, 48).

Que Deus misericordioso e justo afaste de nós esta doutrina cruel e nos auxilie a que amemos o nosso próximo cada vez mais. E que a humanidade possa fazer do Criador um juízo melhor do que aquêle que as religiões ministram.



Relação das Coleções de «Revista Internacional do Espiritismo», existentes e encadernadas:

Ano de 1926	cr.\$ 250,00	Ano de 1945	cr\$. 200,00	Ano de 1953	cr\$. 200,00
» » 1928	» 250,00	» » 1946	» 200,00	» » 1954	» 200,00
» » 1929	» 250,00	» » 1947	» 200,00	» » 1955	» 200,00
» » 1930	» 250,00	» » 1948	» 200,00	» » 1956	» 200,00
» » 1937	» 250,00	» » 1949	» 200,00	» » 1957	» 200,00
» » 1942	» 250,00	» » 1950	» 200,00	» » 1958	» 200,00
» » 1943	» 200,00	» » 1951	» 200,00	» » 1959	» 200,00
» » 1944	» 200,00	» » 1952	» 200,00		



A Fé sem Obras é Morta



II

FELIPE II

Felipe estava de posse de um vasto Estado, uma terrível armada, um exército experimentado, um povo submisso.

Quem não o olhava com simpatia era o Papa Caraffa, um asceta, diziam, mas que tinha à mesa vinte e cinco pratos e os melhores vinhos. Era inimigo de espanhóis e espanholadas.

Por questões políticas, Felipe casara com Isabel de Portugal; viuvo, esposara Maria Tudor, filha de Henrique VIII, e a Inglaterra volta assim ao Catholicismo. Espera-se uma criança do consórcio; há animação e festas, mas, em vez da criança viu-se que a rainha estava com hidropisia.

Paulo IV exige a devolução de Nápoles, de que era vice-rei o Duque d'Alba. O rei, em dúvida sobre se podia contrariar um Papa, consulta os teólogos de Salamanca. Os teólogos opinam pela afirmativa.

Alba envia uma mensagem ao Papa e êste manda torturar o infeliz mensageiro. À vista disso Alba ataca; há combates, mortes e saques, em que o Duque sai vitorioso. Mas como se trata da Santa Sé, o vitorioso Duque concede um armistício. Não se contenta o Papa e quer que êle lhe peça perdão. O Duque hesita, mas, forçado pelo Rei não tem outro jeito senão ajoelhar-se diante de Sua Santidade.

Em luta com os francêses Felipe, logo no princípio de seu govêrno, vence-os, prende Montmorency e deixa no campo dez mil inimigos mortos.

Tomada a cidade defendida por Coligny, a soldadesca entrega-se à matança e à rapinagem. Felipe intervêm, entretanto, para que nada aconteça a igrejas, mosteiros, sacerdotes e reliquias. Os religiosos tinham para êle um valor inestimável. O mais era matar à vontade; quando muito, mandou apagar os incêndios.

Ainda não dormira sobre os louros, quando os francêses tomam Calais. Insiste êle para que os inglêses a retomem, mas êstes, displicentes, fecham os

ouvidos. Notícia muito pior lhe chega, a de que havia luteranos em Valadolid; conseguiram até descobrir livros heréticos em tonéis com fundo falso.

O rei ficou transido de horror. Tomou as mais enérgicas medidas e era tal a sua excitação, que lhe passou despercebida a morte de Maria Tudor.

Em 1759 faz-se a paz entre a Espanha e a França e para que a Inglaterra continuasse católica, pede êle a mão de Elisabeth. Esta, porém, recusa o honroso pedido, e êle, para não perder tempo, casa com uma jovem de 14 anos, Isabel de Valois, filha de Henrique II e da célebre Catarina de Médicis, autora ou co-autora no morticínio dos Huguenotes.

De volta à Espanha, a frota em que viajava Felipe, sofreu uma tempestade. Houve muitas rezas, o que não impediu que muitos navios fôssem a pique, com êles grandes tesouros e a coroa imperial. Salvou-se, porém, a cabeça que a sustinha.

O rei chega e se mostra, além de filho obediente, digno rebento de tal fronde. Assim nos conta o piedoso historiador Reinhold Schneider :

«Felipe não deixa dúvidas aos inimigos da religião» quanto às suas intenções. São as piores.

«Logo após sua chegada a Valadolid, 8 de abril de 1559, faz instaurar um tribunal da Inquisição. Para começo três luteranos foram queimados vivos».

E o historiador acrescenta, para mostrar a bondade do monarca :

«Sòmente em quatro autos de fé o pesquisador mais cuidadoso da vida de Felipe pôde verificar a presença do rei».

Sòmente em quatro. Que coração de homem! Faleceu de ânimo para ver pernearem os outros que torravam por ordem dêle.

É todo coração e amor. A um con-

denado que pede clemência, exclama :

—Eu traria a lenha para queimar o meu próprio filho se fôsse como tu!

Granada tinha caído. Mas ainda havia ali costumes mouriscos. Era preciso acabar com aquilo. E começaram as proibições, inclusive o uso do véu pelas mulheres. Levantavam-se os mouros; há combates terríveis, há crueldades. E vai o rei expulsa a mourama, proibe o uso do idioma, despoja-os, toma-lhes os bens. Com a fogueira de um lado, a expulsão do outro, a Espanha despovoou-se e empobrece. Ele não vê nada disso.

A frota turca ameaça a Cristandade. Pio V apela para Felipe. Este prepara uma esquadra e a confia ao mais jovem almirante, seu irmão bastardo João d'Áustria, que tinha 23 anos. Trava-se a batalha naval de Lepanto onde os turcos são fragorosamente derrotados, vendo-se espetada numa lança a cabeça do seu comandante Ali Pachá. Cem naus são afundadas; cento e trinta aprisionadas.

Felipe recebe a notícia ao ouvir missa e manda celebrar um Te-Deum.

* * *

Esse rei, fanático e cruel, teve vários apologistas. Viam nêle um homem humilde: quando uma jovem ia subindo os degraus do altar, disse:— *Ni vos ni yo no habemos de subir donde van los sacerdotes.*

A êste soberano humilde, taciturno, comedido, sem ódios e vinganças, de voz baixa, cognominado *El Prudente*, ninguém ousava contrariar.

A essa personificação da brandura quem não obedecesse cegamente ia para o cárcere ou para a fôrca. Seu velho amigo, d'Alva, destemido servidor, quase servil, porque não lhe cumpriu determinada ordem, foi para a prisão.

Todos tremiam diante dêle, e só falavam diante dêle ajoelhados, mas se encontrava um padre, logo tirava o chapéu e o acompanhava à igreja.

É sereno: vê queimar os hereges e não se lhe nota a menor comoção. Faz gosto ter um rei assim tranqüilo.

Casou quatro vêzes, sem já falar numa Isabel de Osório, de quem o virtuoso imperador teve quatro filhos e a quem mandou acabar os dias num convento.

O herdeiro do trôno é o filho Carlos, enfermiço e mau. Quando criança matava as amas, mordendo-lhes os seios. Adolescente, assava vivos os animais.

Parece, por fim, que quer matar o pai e é encarcerado. Borbulhava-lhe nas veias o sangue real.

* * *

Felipe manda construir o imponente palácio do Escorial. Faz-se a mudança. Na ocasião de transportar a Eucaristia, o rei e o infante carregam o pálio. Na Quinta Feira Santa há uma grande cerimônia: São convidados à mesa real 13 velhos; Felipe ajoelha-se e lava-lhes os pés; sobrinhos seguram a bacia e a toalha. Depois êle mesmo serve a refeição. Confundia-se com Jesus Cristo. Que de epinícios provocou êsse maravilhoso gesto!

* * *

Um edito de Carlos V, de 25 de setembro de 1550, mostrava o ansioso desejo daquele rei de exterminar a heresia na Holanda. Assim dizia o edito:

Pelo sabre e pelo fogo devem expirar os que venderem livros heréticos, os que os adquirirem ou copiarem, os que fizerem pinturas, os que profanarem ou destruirerem imagens, os que disputarem sôbre a Escritura Sagrada, ou a negarem, os que derem asilo a hereges; a simples suspeita bastaria a afastar o indivíduo de qualquer função; e ainda que fizesse penitência, seria excluído da vida civil. Haveria confiscação para o herege, e o denunciante teria a metade dos bens confiscados.

Como é de ver, não faltavam as denúncias e os denunciantes pululavam; os ricos, ou os simplesmente remedidos, andavam em contínuos sobressaltos.

Era proibido suavizar as penas, que deveriam ser inflexíveis; testamento de herege era nulo; quem tivesse piedade ou intercedesse por um denunciado, incidiria nas mesmas penas e castigos. Estava, pois, o cidadão à mercê de inimigos, invejosos, ambiciosos, malévolos, com a espada de Dâmocles sempre à cabeça e a do poder público ao pescoço.

Havia uma lei contra os anti-papistas, que morreriam pela fogueira. Não

se diga o Imperador fôsse tão ruim que os não pudesse agraciar.

Muitas medidas denunciavam o caráter benévolo daqueles crentes, mostrando-nos o milagre da fé: Assim, se o herético abjurasse em meio das chamas, era delas piedosamente retirado, e logo que abrandassem as queimaduras, e se a elas sobrevivesse, sendo homem, seria morto a sabre, e se fôsse mulher era enterrada viva.

Isto seria tomada como uma pilhéria de mau gosto, se a História não o registrasse; se não nô-lo contassem os mais conspícuos historiadores. Di-lo o próprio Reinhold Schneider (Felipe II) cheio sempre de alta poesia e boas palavras para com os seráficos monarcas espanhóis.

Em 1552 Carlos V incumbira Van der Hulst de descobrir hereges, assim como quem farisca pedras preciosas, e não lhes dar quartel; dêles podia fazer o que quisesse. Do banimento à fogueira tinha carta branca, que êle podia tornar vermelha à vontade.

Adriano VI fê-lo Inquisidor em tôda a Holanda, mas o seu rigor e a sua fé não puderam ser amplamente patentes, porque uma rebelião o pôs a correr. Foram então nomeados três inquisidores de pernas firmes, que um só já não dava conta do recado.

Chegou Felipe. Êste se espantava de que as medidas extremas não conseguissem liquidar a heresia, e ainda, que fôsse mal vista a Inquisição, quando ela tinha por fim salvar a alma dos infelizes. Era ela a apontar-lhes o Paraíso e êles a virarem-lhe a cara.

Felipe manteve as atrocidades paternas; confirmou o edito de 1550 e declarou que deveria êle ser observado com o máximo empenho, sem consideração com quem quer fôsse, sem contemplação de espécie alguma. Os juizes benevolentes deveriam ser atingidos pela lei; todos eram obrigados a sentir-se tomados do ardor e da ferocidade real. Coração brando seria um ultrage a Deus, mesmo porque, lá estava na Bíblia que Deus tornava duro os corações. Os que não endurecessem, portanto, eram corações rebeldes.

E declarava-se por fim: — Os escrúpulos devem ser banidos; são ordens do rei; cumprem-se.

Um sinal qualquer de comiseração era sintoma seguro de que o demônio estava tomando conta do sujeito, e uma boa peça se lhe pregava fazendo-o sair aos pinchos do corpo do energúmeno, ao crepitar da pira salvadora.

CARLOS IMBASSAHY

Cairbar está presente... e se interessa !

Mac Maynard

O grande apóstolo de Matão, Cairbar, não atuou apenas no sentido de propagação da Doutrina Espírita, do amparo aos pobres, das conferências doutrinárias ou de simples publicação de artigos doutrinários, pròpriamente ditos, em revistas e jornais; Cairbar se interessou, e muito, pela cultura de modo geral, e, no seu caráter impoluto não havia abrigo para idéias liberticidas: era visceralmente amante da Liberdade.

Quando a liberal Constituição de 1891 fôra rasgada, quando fôrças clero-reacionárias se movimentavam para sufocar o anseio de liberdade do povo, um

homem desabusado, intemerato se levantou, um homem que não tinha mêdo de caretas e arreganhos, êsse **HOMEM** foi o grande Cairbar: a Coligação Pró-Estado Leigo teve nêle um apóstolo consciente.

A Doutrina que Cairbar pregava e vivia era uma doutrina libertária, se Cairbar se calasse as pedras clamariam: mas Cairbar não se calou, evidentemente.

Na Câmara Federal está em discussão «Diretrizes e Bases da Educação» e um deputado apresentou substitutivo que despersonifica a cultura brasileira, substitutivo êsse que, se aprovado, a

laicidade do ensino brasileiro torna-se coisa morta.

Cairbar nos ensinou que Espiritismo não é fazer sessões práticas, que Espiritismo não é apenas doutrinação evangélica com desconhecimento do que vai pelo mundo, e, ensinou pela prática, pelo exemplo, pela coragem, pela cultura posta a serviço da Causa: pela sua vida—Espiritismo é doutrina completa, é doutrina de vivência, tudo que diz respeito ao homem aí deve estar o Espiritismo atuante, presente.

Cairbar não está deitado em coxins de nuvens, Cairbar está presente, interessado nos problemas brasileiros de cultura; quando encarnado não media esforços para sair de seus arraiais para ir lutar fora em prol da Coligação Pró-Estado Leigo; Cairbar está presente em seu Jornal, na sua Revista, está atuante nas páginas de seus livros; não, Cairbar é contra o ensino confessional, Cairbar é contra porque pregou a Liberdade, viveu pela Liberdade de Consciência.

Se o projeto «Diretrizes e Bases da Educação» trazer em seu bôjo a morte do laicismo, será um retrocesso escandaloso para nossa cultura. Os espíritas não podem se desinteressar pelo magno assunto, a nossa Doutrina é por excelência libertária, não pode se acomodar com semelhante atitude de legisladores que são pró «embutimento de ensino de catecismo» no crânio de nossas crianças.

Lembremo-nos da atuação de Cairbar na Coligação Pró-Estado Leigo, êsse exemplo deve ser revivido pelos espíritas conscientes de sua Doutrina, precisamos lutar contra a tendência do ensino confessional em nossa terra; somente num clima de liberdade que a cultura pode se desenvolver e dar seus frutos; o ambiente de liberdade tem que ser criado e mantido pelos homens li-

vres, lutemos pela liberdade de ensino, façamos como fez Cairbar na Coligação Pró-Estado Leigo, despertar os que dormem.

Quando está sendo jogada a sorte do Ensino Leigo os espíritas não podem estar ausentes, não podem estar dormindo, vamos agitar, «agitar britânicamente» como dizia Ruy, é um problema que precisa ser encarado de frente, está em jôgo a liberdade de consciência de nossos filhos.

LIBERDADE é uma ilação da doutrina dos Espíritos, como poderíamos nós pregar essa Doutrina sem ser no meio livre de preconceitos, de tabus, de «susceptibilidades» sociais?

Não é só para a propagação da Doutrina Espírita no seu sentido evangélico, mais ainda, no seu sentido filosófico e científico. Haja vista o que se tem passado no ensino nos Estados Unidos onde os «medievais» estão impingindo censuras absurdas no próprio ensino médico!

Espiritismo não é ciência de ficção, não é história em quadrinhos, é coisa séria, precisa ser tratado com seriedade. Se desde o curso primário nossas crianças forem *alimentadas* com ficções, com histórias da carochinha, que podemos esperar do futuro?

O próprio curriculum do ensino secundário entre nós cheira muito a jesuitismo, timbra pela memorização de tudo!

Se há uma doutrina que exige pensamento, reflexão, análise, é o Espiritismo, e como conseguir da criança formação cultural básica para pensar livremente? Ensino laico, eis a resposta.

A questão de liberdade de ensino é vital para o Espiritismo, sendo um assunto assim de vital importância para a Doutrina, Cairbar está presente... e se interessa!

O trabalho do Espiritismo é essencialmente educacional em tôdas as necessidades da criatura em sua evolução para a perfeição. O desenvolvimento das virtudes ativas e da inteligência, a faculdade de percepção das coisas ou de penetração, enfim, tudo quanto distingue o homem pelo seu saber e dotes de coração tem como alicerce a educação. Portanto, o estudo do Espiritismo a começar de suas obras fundamentais, deve ser o primeiro passo a dar pelos que desejam ser cristãos de verdade.

Restabelecendo o equilíbrio nas re- lações Corpo-Espírito

Entre duas formas de exagêro, a compreensão espírita — Charlatanismo e superstição, no passado e no presente — Desenvolvimento da mente humana



A natureza humana é um conjunto de ações e reações espirituais e materiais. Interpretá-la apenas através de um dos seus aspectos é cair fatalmente no êrro. De um lado, temos a alma, o espírito encarnado, que é o senhor e o diretor do corpo. De outro lado, o organismo físico, na plenitude da sua vitalidade animal. Na antiguidade, e particularmente na Idade Média, a mentalidade popular, apegada ao sentimento do maravilhoso, atribuía tudo ao espírito, subestimando a ação do corpo. Vieram daí os exagêros de toda espécie, criando superstições e temores, de que se originaram muitas crenças, rituais e dogmas religiosos.

A partir do Renascimento, o problema foi praticamente invertido nos seus termos. O acurado racionalismo medieval explodiu no Renascimento em novas formas de interpretação da vida. A filosofia deixou de ser a antiga serva da teologia, e a revolta intelectual contra a tradição e a autoridade abalou profundamente a mentalidade popular. Os homens passaram a desconfiar das explicações místicas, a repelir superstições, e chegaram, no mundo moderno, ao exagêro oposto, dando supremacia ao corpo e negando ou subestimando a ação do espírito.

Foi exatamente quando mais se acentuava essa nova forma de exagêro, de parcialidade, que o Espiritismo surgiu no mundo, dando ple-

no cumprimento à promessa do Consolador, formulada por Jesus. A função do Espiritismo é restabelecer o equilíbrio, conduzindo o homem à verdade. Sua advertência pode ser interpretada assim: «Nem tanto à terra, nem tanto ao mar». O Espiritismo demonstrou, cientificamente, servindo-se das mesmas armas do materialismo — como disse Kardec — que a existência da alma não era uma superstição. E provou, de maneira insofismável, que a ação dos espíritos desencarnados sobre os homens é tão real, como a ação dos raios e emanações invisíveis da natureza.

No seu maravilhoso livro, «A Gênese, os milagres e as predições, segundo o Espiritismo», Kardec analisa a razão por que o Espiritismo só podia aparecer em meados do século passado, e conclui: «O Espiritismo, tendo por objeto o estudo de um dos dois elementos constitutivos do Universo, toca forçosamente na maioria das ciências, e não podia surgir senão depois da elaboração delas. Surgiu, pois, pela própria força das coisas, diante da impossibilidade de tudo se explicar somente com a ajuda das leis da matéria».

Dessa maneira, podemos apresentar a evolução da mente humana como um perfeito processo cíclico: partindo da aceitação intuitiva da ação do mundo invisível sobre o homem, a mente passa a negar esse fato num estágio superior do seu desenvolvimento, para afinal voltar a admitir a verdade, mas já agora

através da razão amadurecida e das provas experimentais.

O charlatanismo e a superstição figuram em larga escala no processo de formação das religiões antigas e modernas. São explorações da credulidade, devidas à imperfeição das criaturas humanas. Hoje, existe também o charlatanismo na ciência, e existem formas de superstição nascidas de teorias científicas. Uma dessas formas, e das mais nefastas, é a que considera os desequilíbrios psíquicos como simples manifestações de desordens orgânicas.

Essa superstição se origina da negação do elemento espiritual, considerado como produto ou secreção da matéria, e conduz à destruição de todo e qualquer sentimento religioso. Contra essa forma moderna de superstição, que é o inverso das superstições do passado, só um remédio se mostra realmente eficaz :

a demonstração científica da realidade do espírito. Essa demonstração é feita pelo Espiritismo e pelas teorias científicas d'ele decorrentes: a metapsíquica, a chamada ciência psíquica inglesa, e a parapsicologia.

As ciências biológicas atuais, resultantes da revolta intelectual do Renascimento, mostram-se impregnadas da superstição materialista. Mas a contribuição espírita vem ganhando terreno nos meios culturais do presente, como se vê no crescente interêsse pela parapsicologia em todo o mundo, e mesmo nos meios religiosos mais adiantados, onde já se compreende que o Espiritismo traz uma mensagem para o mundo moderno. O famoso inquérito da Igreja Anglicana sobre a mediunidade, realizado há uns quinze anos, com resultados positivos, é uma prova disso.

Irmão Saulo

☞ Maravilhas do Século Vinte! ☞

Estamos vivendo o mais portentoso ciclo da humanidade terrena, jamais sequer imaginado pelos que nos precederam no amaino do solo terráqueo às exigências da vida de sêres inteligentes que fogem cada vez mais à animalidade e evoluem celeremente para os alcançados estágios espirituais da espécie.

Depois das declarações peremptórias de Lord Dowding, marechal do ar do Reino Unido e ex-comandante em chefe das Fôrças Aéreas da Inglaterra, relativamente aos discos voadores, declarações confirmatórias da vinda ao nosso planêta dos mesmos discos, surgenos agora o testemunho irrecusável de um livro publicado sob a responsabilidade do snr. A. Rossi que, segundo afirma, visitou num disco voador outro planêta, sendo êsse o título do livro em aprêço, no qual o snr. A. Rossi faz «espantoso relato de uma viagem feita a

outro Planêta num Disco Voador». Crendenciando a mesma obra, o muito conhecido confrade snr. General Levino Cornélio Wischral, diz no prefácio que conhece perfeitamente o autor e dá testemunho da sua idoneidade moral.

Descrer, portanto, dessa viagem é tão deshonesto como negar autenticidade às produções de autores desencarnados que se manifestam incessantemente, por intermédio de médiuns notáveis como Francisco Cândido Xavier e tantos outros, no Brasil e em vários outros países do glôbo.

Desenvolve-se a descrição dessa assombrosa viagem em dezessete capítulos e o que lhe dá sabor de autenticidade é a lógica superior dos seus conceitos, no que concerne aos matizes superiores de virtude, apresentados pela humanidade que o snr. A. Rossi teve o

privilégio de visitar, antes que qualquer outro.

Não obstante essa superioridade, muitas das criaturas que nascem nêsse planêta superior, não estão convenientemente preparadas para enfrentar uma vida pacífica, plena de bondade, respeito e trabalho. «Ainda não se integraram na missão sublime do amor ao próximo e são avessas aos estudos elevados, o que é óbice ao seu estado psíquico. Obstinaadas, se entregam à sublevação ferindo a ordem normal da vida no cometimento de desatinos». Cá e lá más fadas há, diríamos, ouvindo êsse relato de inadaptados às condições superiores de vida do planêta a que foi o snr. Rossi conduzido. E como lá a vida é muito calma e não existe nenhum dos problemas que afrontam os terrícolas, na expressão do Dr. Jânsle que é o cicerone de Rossi nessa viagem interplanetária, foi num hospital que o autor presenciou tais anomalias, descrevendo-as no capítulo VIII do seu livro — «A PSICOTERAPIA APLICADA».

No capítulo IX Rossi descreve o almôço que lhe ofereceu o Dr. Jânsle, em sua própria residênciã, rodeado dos filhos e da espôsa, cujos nomes cita: «Jerle, Petreu e Davará, sendo Vanaá o nome da espôsa. Leejo e Anauá são os nomes dos progenitores do Dr. Jânsle. O almôço era constituído exclusivamente de vitaminas e entre essas vitaminas uma se encontrava, servida por último, com o perfeito sabor do nosso café, servido assim como homenagem aos hábitos do snr. Rossi na Terra, onde não há ninguém que deixe de tomar café... Nêsse capítulo à página 113, discretea o Dr. Jânsle dêste modo perfeitamente sensato:—«Ê lei natural que a evolução

científica seja correlata ao aprimoramento evolutivo do espírito. A dissonância desta Lei tem trazido eternas guerras fratricidas à vossa humanidade, criando a luta pela sobrevivência, na instituição de uma centena de outros problemas insolúveis que acarretam ao nosso homótipo acerbos aflições e sofrimentos». A Lógica da asserção é lapidar. À página 115 adverte o anfitrião:— «Não podemos considerar cidadão completo aquêle que não tiver conhecimento das muitas realizações em todos os setores da nossa vida. Ademais o nosso objetivo é o de favorecer e ajudar desinteressadamente o nosso semelhante. Sòmente esta prática, aliada à bondade, fará perdurar e incrementar a paz e o progresso da nossa humanidade, trazendo-nos o fortalecimento do amor pela ação do desinterêsse».

Percorrendo uma floresta, vê belas árvores peçadas de frutos. Em matéria de pedagogia, observa «campos de culto onde se pratica a religião, a qual tem por base três pontos fundamentais: 1) Profundo respeito a Deus e à sua Criação; 2) Prática efetiva e contínua dos seus ensinamentos; 3) Estudos no sentido de ampliar os conhecimentos relativos ao Universo».

Num estádio do planêta visitado, os habitantes dêsse outro mundo oferecem ao snr. Rossi uma festa esportiva, dêsse bom esporte que tanto contribui para que em corpo são habite alma também sã: «Mens sana in corpore sano».

Tudo nêsse livro é natural, é útil. A sua aceitação é oportuna, pois que o livro condiz com a verdade. Realmente, os tempos são chegados!

Arnaldo S. Thiago

«A faculdade mediúnica, mesmo restrita às manifestações físicas, não foi dada ao homem para ostentá-las nos teatros de feira e quem quer que pretenda ter às suas ordens os espíritos, para os exhibir em público, está no caso de ser, com justiça, suspetado de charlatanismo, ou de mais ou menos hábil prestidigitação. Assim se entenda tôdas as vêzes que apareçam anúncios de pretendidas sessões de espiritismo, ou de espiritualismo à tanto por cabeça. Lembrem-se todos do direito que compram ao entrar.

«De tudo o que precede, concluimos que o mais absoluto desinterêsse é a melhor garantia contra o charlatanismo. Se êle nem sempre assegura a excelência das comunicações inteligentes, priva, contudo, os maus espíritos de um poderoso meio de ação e fecha a bôca a certos detratores».

ALLAN KARDEC

A Reencarnação e o silêncio de alguns homens de ciência

Deolindo
Amorim



M dos argumentos com que se tem procurado descobrir pontos vulneráveis no Espiritismo é o de que certos homens de ciência, tendo observado e estudado muito os fenômenos mediúnicos, preferiram aceitar exclusivamente a parte experimental, deixando fora de cogitações a tese da reencarnação. É verdade. Diversos experimentadores de alta categoria ficaram apenas no terreno prático, e alguns dêles talvez nem tenham tomado conhecimento da doutrina. É o caso de William Crookes, entre outros. O grande cientista inglês, como se sabe, deu o maior e o mais corajoso testemunho da veracidade dos fenômenos, prestou grande serviço ao Espiritismo, com o prestígio de seu nome, mas a verdade é que não discutiu a doutrina, como não demonstrou o menor interesse pela tese reencarnacionista, que é a tese fundamental do Espiritismo. Não saiu, portanto, do campo objetivo da experimentação pura, no que, aliás, realizou trabalho até hoje não excedido. Todavia, não se pode dizer, honestamente, que William Crookes haja negado ou combatido a reencarnação; apenas não se pronunciou sobre o assunto. Isto, porém, não é um argumento contra a reencarnação.

Como Crookes, Zöllner, Lombroso, Barrett e outros homens, que se preocuparam seriamente com o aspecto científico do Espiritismo, também não se declararam adeptos da reencarnação, certamente, porque, habituados aos trabalhos de natureza experimental, não tendo muita inclinação para os problemas essencialmente filosóficos, deixaram de lado a doutrina, com tôdas as suas conseqüências. É preciso notar que nem todo cientista, principalmente cientista de laboratório, gosta de especulação filosófica. Podemos ir mais longe, dizendo que geralmente os homens muito afeitos à ciência pura são pouco propensos às grandes generalizações da Filosofia. O cientista, o filósofo e o místico representam três tipos de homens com em-

bocaduras intelectuais muito diferentes. Cada um dêles segue uma direção espiritual, pois muito diferentes são os seus centros de interesse. Daí, o fato de certos homens de ciência não se terem voltado para a doutrina espírita, porque se afizeram mais ao fenômeno. Que tem isto contra a reencarnação? Dizer que a reencarnação é uma tese falsa, simplesmente porque homens do porte científico de Crookes e outros por ela não se interessaram, é forçar muito...

Cita-se também o caso de Aksakof, entre os experimentadores que não esposaram a tese reencarnacionista. É, inegavelmente, um dos investigadores mais ilustres, a quem se deve, além de tudo, uma obra de fôlego: *Animismo e Espiritismo*. Convém recordar que Aksakof, em determinada fase de seus estudos, também se voltou para a doutrina; e tanto isto é verdade, que êle próprio se deu ao trabalho de traduzir livros de Allan Kardec, tendo sido, na Rússia, o primeiro a divulgar a Codificação, ainda que em círculo reduzido. É certo que Aksakof se deixou absorver, mais tarde, pelos estudos exclusivos da fenomenologia. Na célebre polêmica, que sustentou com o psicólogo Hartmann, da qual saiu êsse portentoso livro, que é *Animismo e Espiritismo*, o eminente pesquisador russo confessa que levou 4 anos a fio, estudando e preparando material para provar que muitos fenômenos de animismo confirmam as afirmações do Espiritismo. Entre êsses fenômenos — digâmo-lo por nossa conta — há os casos em que, pela regressão da memória e pelas modificações do comportamento, se indentificam muitas reencarnações. Aksakof, como já é bem sabido, ainda escreveu *Um caso de desmaterialização*, além de trabalhos diversos, em publicações especializadas. No domínio de perquirição a que se dedicou — o *animismo* — Aksakof é um dos autores clássicos na literatura espírita. Não se embrenhou, entretanto, na parte filosófica do Espiritismo, a julgar pelo que se sabe a seu respeito. Não é de extranhar, portanto, a sua indife-

rença em face da reencarnação. Ser indiferente a uma idéia não é ser contra essa idéia. Teria Aksakof negado categoricamente a reencarnação? Ninguém o demonstrou. E ainda que o tivesse feito, seria isto uma *prova* contra o princípio das «vidas sucessivas»? Logicamente, não. Seria apenas a opinião, a atitude intelectual de um homem de ciência. Não se destrói uma tese simplesmente porque um homem de responsabilidade científica lhe faz restrição. O que se sabe, pelo menos até agora, a não ser que alguma pesquisa bibliográfica venha revelar a existência de estudos inéditos, é que Aksakof escreveu um artigo em que faz censuras ao trabalho de Allan Kardec, justamente a propósito de algumas comunicações sobre a reencarnação. Conhece-se o artigo de Aksakof apenas por um trecho, transcrito, na obra de Conan Doyle (*O Espiritismo*), mas a simples reprodução de uma parte não permite que se conheça todo o pensamento de Aksakof. No trecho citado, e de que se têm utilizado alguns adversários do Espiritismo, apenas o diplomata russo faz as suas restrições à reencarnação, achando que alguns médiuns, do grupo de Kardec, teriam sido influenciados ou suggestionados por essa idéia. Isto, afinal de contas, não é uma tese, não é um argumento forte, é simplesmente uma suposição de Aksakof. Se era radicalmente contra a reencarnação, co-se faz crer em determinadas publicações anti-reencarnacionistas, a verdade é que Aksakof não formulou nenhuma tese, não discutiu a questão, não ofereceu nenhuma objeção capaz de abalar a doutrina. Então, pelo fato de não ter Aksakof ou qualquer outro homem de ciência feito profissão de fé reencarnacionista, já se pode afirmar que a doutrina espírita não tem consistência filosófica? Pensar assim é deixar-se guiar por um raciocínio defeituoso.

Deixando de lado os nomes inconfundíveis de Crookes, Aksakof ou Lombroso, podemos dizer que outros experimentadores, de projeção equivalente no campo dos estudos psíquicos, aceitaram a reencarnação. Gustavo Geley, por exemplo. E não era igualmente um homem de laboratório, tanto quanto o foram alguns de seus predecessores? De metapsiquista puro, no comêço de suas

experiências, sem definições filosóficas, Geley se tornou, depois, adepto da tese reencarnacionista. Terminou afirmando textualmente que a reencarnação está de acôrdo com os conhecimentos científicos. Haverá depoimento mais valioso? É oportuno lembrar que, em 1912, o Dr. Calderone, diretor da revista italiana «Filosofia da Ciência», organizou um inquérito sobre a reencarnação, entre pessoas ilustradas, mas de procedências ideológicas bem diversificadas. Uma das opiniões favoráveis à reencarnação foi precisamente a de Geley. É bom acrescentar que, ao responder ao inquérito de Calderone, Geley encarou a reencarnação à luz de três aspectos: moral, científico e filosófico.

Homem de ciência, e dos mais exigentes, também era Flammarion. A que conclusão chegou o grande astrônomo, depois de haver estudado profundamente o Espiritismo? É a sua obra que no-lo diz: Flammarion afirmou a reencarnação, e o fez sem qualquer sombra de eufemismo ou subterfúgio. Se, portanto, alguns homens de ciência não cogitaram da reencarnação, embora tivessem dedicado muito tempo à parte experimental do Espiritismo, também se pode apresentar, como réplica aos adversários sistemáticos da doutrina espírita, o fato de uns tantos outros experimentadores, também notáveis, se tornarem reencarnacionistas, em consequência de estudos sérios. É preciso não perder de vistas os dois pratos da balança. Além de tudo, devemos reconhecer que nem todos os cientistas tiveram oportunidade ou predisposições íntimas para estudar a reencarnação; os que se aprofundaram no assunto, como Flammarion, Delanne, Geley e outros, logo depois se convenceram. Haveria, ainda, muitos outros exemplos. Podemos, então, colocar a questão no seguinte ponto:

se, finalmente, William Crookes, Aksakof e outros homens de ciência aceitaram os fatos espíritas, mas silenciaram quanto à reencarnação, porque não estavam interessados na doutrina e muito menos na discussão filosófica das *causas* e *conseqüências* dos fenômenos, esta objeção não constitui um argumento de peso, visto como já está provado

que outros experimentadores de alto nível científico, apoiaram a tese reencarnacionista.

Vê-se, por conseguinte, que a reencarnação não foi pròpriamente rejeitada por alguns dos homens que estudaram o Espiritismo cientificamente: o que houve foi apenas omissão, desintereêsse ou falta de oportunidade. Nenhum dêles combateu a reencarnação nem apresentou qualquer elemento capaz de modificar as idéias de quem já é convicto. Logo, sensatamente, criteriosamente, ninguém pode fazer críticas à tese

reencarnacionista, tomando como ponto de partida apenas o silêncio de homens ilustres. O silêncio não nega nem afirma coisa alguma; muitas vêzes, é uma atitude prudente, quando não se conhece bem um assunto. É o que ensina o bom senso. Em suma, o silêncio não é argumento. Se, por um lado, certos experimentadores categorizados não trataram da reencarnação, o que aliás, nada prova contra esta tese, também se verifica, por outro lado, que houve pronunciamentos concordantes, e dos mais autorizados. Voltaremos ao assunto, no próximo artigo.

A Ciência e o Suicídio da Humanidade

Especial para a «Revista Internacional do Espiritismo»

As palavras dos grandes dirigentes da humanidade encerram grande significação histórica nesta hora decisiva para os destinos dos povos.

O acadêmico IGOR CURTCHATOV declarou no Congresso do P. C. S., que o exército Soviético se encontra perfeitamente equipado com armas term nucleares das mais modernas e eficientes.

Os responsáveis pela defesa do ocidente, frequentemente proclamam a superioridade dos EE UU em armamentos nucleares.

Os cientistas, na corrida armentista demonstram de modo insofismável, a superioridade técnica em determinados setores de cada lado. É evidente a superioridade dos Orientais, conforme se depreende das modernas realizações da técnica soviética: O foquete lunar, o cérebro eletrônico, o transplante de órgãos, o estudo sôbre radiações cósmicas, etc. No campo da biologia êste avanço é ainda mais notável. Sob a ação de radiações específicas, conseguiram maravilhas no campo da genética, dando-nos a impressão de que a teoria de Mendel já está muito atrasada.

Durante o congresso médico de Viena, os congressistas foram convidados a visitar a Rússia. Resultou dessa visita diversas revelações interessantes

no campo cultural. A verba que a U. R. S. S. emprega na instrução do seu povo, torna ridícula as cifras do mundo ocidental para o mesmo fim. Descrevendo a Universidade de Moscou, um dos congressistas fez a seguinte comparação: Entrando um visitante no primeiro compartimento térreo do edifício da Universidade com três anos de idade, e demorando-se em cada compartimento três dias, quando sair no último estará com 55 anos de idade. Desta comparação resulta a grandiosidade do edifício e das suas instalações, demonstrando que o socialismo encara a instrução do povo como deve ser considerada como base do progresso.

No mundo ocidental, mesmo nos países mais adiantados, o preparo da juventude é problema subordinado à posição e às posses dos estudantes. Estudiar, no mundo capitalista, constitui privilégio de poucas classes. No Brasil, seria ridícula a posição da instrução. Predomina uma visível preocupação de defesa de classe, reinando um sistema educacional cheio de dificuldades e falta de método, de modo que não se aproveitam muitos homens esclarecidos e inteligentes. Pessoas altamente classificadas, nos Estados Unidos, comentando a superioridade da técnica Soviética, como o fez Eisenhower, esclarecem que um es-

pecialista na Rússia se forma depois de 17 anos de estudos sòmente de física.

O ensino no mundo socialista é gratuito e o estudante ganha enquanto estuda, porque o governo considera o homem que se prepara como um capital precioso.

Cada inteligência é aplicada no seu ramo vocacional. No mundo capitalista o problema vocacional é secundário. Tudo se subordina a mercados. Vê-se portanto, os fundamentos da técnica de um e de outro lado.

Resta indagar agora, qual será o destino da humanidade ?

Um estadista soviético falou, em discurso, entre numerosa assistência de norte-americanos que os ocidentais falam em paz com o crucifixo na mão esquerda e o punhal na direita. Jesus também apostrofou os Judeus e fariseus com aquela advertência em que notabilizava a hipocrisia e o fermento dos fariseus. Aquela comparação segundo a qual se pareciam com túmulos caiados por fora e pôdres por dentro, traduzem a mesma idéia de crucifixo e do punhal, na competição entre os dois regimes. A hipocrisia constituiu sempre a arma de dominação. O interessante é que muito se fala em paz. Até os grandes instigadores de guerra, os capitalistas maiores que vivem dos juros de empréstimos para fabricação de armas mortíferas falam em «paz» !

É necessário porém saber-se que existem e sempre existiram, duas espécies de paz. A paz dos túmulos e a paz dos pacifistas sinceros. A primeira se consegue com os cemitérios repletos de cadáveres. Esta forma de paz é proveitosa apenas ou tem sido proveitosa, apenas, para os magnatas... Assim foi no passado e no presente. Desta vez, porém, a paz será dos túmulos para todos, pobres e ricos, humildes e poderosos... se houver um louco para começar a guerra «termonuclear».

Vejamos, porque.

A chave está no emprego que se fizer das modernas descobertas científicas. Empregadas para a guerra, será a paz dos túmulos. Empregadas à produção e à melhoria da indústria e do comércio será o progresso e o bem estar de todos os povos.

O prêmio nobel de química, Linus Pauling disse recentemente, em uma

conferência Universitária : «Adoro êste mundo. Adoro os seres humanos, adoro os animais. Amo as plantas, as estrêlas, as montanhas, o oceano, os minerais, os cristais, e tôdas as coisas do mundo, e tenho receio de que êsse mundo maravilhoso seja destruído».

Na conferência que pronunciou na Universidade de Iroshima disse : fazendo considerações segundo as quais todo indivíduo herda de seus pais o «gene» — isto é — um grupo de moléculas de ácido DESOXIRIBONUCLEICO que podem ser degradadas, transformadas, (mutações) pelos raios X e mais ainda pelas radiações da grande energia como a que se desprende com a explosão atômica de uma bomba. «Baseio-me em estimativas feitas por geneticistas de fama mundial e que estabelecem o número de crianças que nascem apresentando graves anomalias físicas ou mentais em consequência de alterações devidas a experiências até hoje realizadas com bombas nucleares. Êsses cálculos são baseados exclusivamente nos produtos da ficção, indicam que 140 mil crianças, apresentando graves anomalias físicas e mentais, nascem ou nascerão em todo o mundo. Estas crianças deverão viver em estabelecimentos psiquiátricos, e se atingidos por enfermidades como a condrodistrofia, serão anões».

«Os efeitos nocivos sôbre os genes não constituem os únicos perigos que ameaçam a humanidade. Uma explosão nuclear provoca a formação do Carbono quatorze (C 14) forma de carbono produzida nas altas regiões da atmosfera pelos neutrônios desprendidos dos raios cósmicos. Sabemos que a quantidade de C 14 contidos na atmosfera aumenta regularmente na proporção de 2 % por ano. Sendo o C 14 de duração de 8.000 anos quer dizer que a humanidade será afetada durante séculos e séculos pelo C 14 produzido agora. Calculei que se a raça humana sobreviver, e o mundo não fôr destruído, será de 1.250.000 o número de crianças que nascerão apresentando graves anomalias físicas e mentais devidas ao C 14 produzido pelas bombas atômicas experimentadas até agora».

Prosseguindo diz o grande químico : «Entre as substâncias radio-ativas desprendidas de uma explosão atômica ou nuclear, estão o CESÍO 137, o IODI-

NO 131 e o estrôncio 90, substância que da mesma forma do C 14 provocam o CANCER. A terra recebe constantemente (estrôncio 90) decorrente dessas experiências. Penetra nos alimentos, em particular no leite, e é em seguida, absorvido pelos ossos do homem. No momento tôdas as pessoas do mundo têm estrôncio 90 nos ossos o que não acontecia há 15 anos atrás. Espalhando pelos ossos e medula, provoca a leucemia e o CANCER ósseo. O IODINO 131 ataca as tiroides provocando nelas o cancer. O CESIO 137 e o C 14 se estendem por todos os tecidos do corpo provocando tôda espécie de cancer. Os cálculos que pude realizar à base das estatísticas relativas à incidência de leucemia entre os sobreviventes de HIROSHIMA e NAGASAKI e com fundamento em outras estatísticas médicas revelam que as provas até aqui realizadas causarão a morte de 140.000 indivíduos

por leucemia e cancer ósseo, e um total de um milhão de pessoas morrerão de cancer de tôda espécie».

Temos neste resumo, o tenebroso quadro feito por um dos cientistas mais notáveis de nosso tempo. Felizmente desde 1-2-1958 nenhuma nação fez experiências com bombas atômicas. É preciso, parar mesmo, e não recomeçar nunca mais.

Com a guerra atômica a única vantagem provável, será a conquista da paz dos túmulos, para o mundo todo... Aí está a demonstração mais do que objetiva. Os exércitos de Cristo, estarão a postos para a conquista da paz dos homens: «Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de bôa vontade».

Antonio Domiciano Pereira Junior

Bragança Paulista, 20 de Dezembro de 1959.

Das Leis Penais e Espirituais

DOMÉRIO DE OLIVEIRA — Da U. M. E. de Catanduva

O Direito Penal nasceu para tutelar interesses particulares, mas sobretudo para defender interesses da Sociedade. As leis devem resguardar os interesses dos indivíduos, mas êstes reunidos formam a coletividade. Sabemos, o interesse dos que vivem em sociedade não é somente que se cometam poucos crimes, mas ainda que os delitos mais graves à sociedade sejam menos frequentes. Os meios que a legislação emprega para impedir os crimes devem, pois, ser mais fortes à medida que o delito é mais contrário ao bem público e pode tornar-se mais comum. Deve, pois, haver uma proporção entre os delitos e as penas. Estamos, então, diante da individualização da pena. Uma pena determinada corresponde ao crime cometido. Os legisladores, através dos ciclos que se sucederam na história do Direito Penal, consciente ou inconscientemente, emparelharam a ciência de Fuerbach, Henrique Ferri, Gimenez de Asúa e outros à ciência de Lyon Hippolyte Denizard Rivail. Se um indivíduo comete um de-

lito, de acôrdo com a consolidação das leis penais modernas, está sujeito a uma pena na proporção do crime praticado. As leis contidas no Código Penal estabelecem uma progressão para a aplicabilidade da pena de acôrdo com o delito cometido. Há um aforisma bem conhecido a respeito: «Nullum crimen, nulla poena sine lege».

Se lançarmos nossos olhos para o campo onde opera a filosofia espiritista o que vamos encontrar no setor concernente ao problema da reencarnação? O que vamos encontrar nesta Terra, senão dores, desenganos e sofrimentos?

Pois bem, não será a Terra uma penitenciária onde em estágios, uns mais breves outros mais longos, os homens, expiam suas faltas pretéritas? Do delinquente, quando imputável, já sabemos, êle mesmo é o causador de sua própria desdita... É dotado de livre arbítrio, comanda seus impulsos endógenos e exógenos... Porém, ao transgredir quaisquer normas penais, pagará a falta cometida. Porventura, as criaturas humanas, aqui na Terra, ao suportarem

os sofrimentos físicos, as ondas terríficas de calor, os tremendos problemas sociais, as doenças incuráveis, a perda de entes queridos, não estarão cumprindo penas, oriundas de faltas cometidas? Cremos na lei de «Causa e efeito».

Este entrelaçamento de leis materiais e espirituais, já tivemos oportunidade de contemplá-lo em o «Evangelho Segundo o Espiritismo» de Allan Kardec:

«A ciência e a religião são duas alavancas da inteligência humana; uma revela as leis do mundo material, outra as leis do mundo moral. Tendo entretanto umas e outras o mesmo princípio, que é Deus, não se podem contradizer. A ciência e a religião não puderam entender-se até hoje porque, encarando, cada uma, as coisas de seu ponto de vista exclusivo, rechasavam-se mutuamente. Algo faltava para encher o vácuo que separava, um laço que as aproximasse. Este laço consiste no conhecimento das leis que regem e entrelaçam o mundo espiritual com o mundo corporal».

Assim, em círculos menores e maiores que se ajustam, as leis penais e espirituais sedimentam-se na mesma base comum ou seja—a recuperação moral e espiritual—do Sêr humano por penas adequadas; cujo fanal é o soerguimento de toda a criatura divina. Em verdade, outra não é a orientação moderna da ciência penal: a recuperação, em todos os sentidos, do delinqüente.— Também, pela filosofia espírita, os espíritos, encarcerados no claustro da matéria, buscam, em jornadas diferentes, através múltiplos ciclos de reencarnações sucessivas, a recuperação do equilíbrio que «exponte própria» perderam em vidas passadas.

Infelizmente, esta concepção magnífica de pena, ainda, não foi sentida e nem compreendida por Nações que se dizem civilizadas. E tais Nações, amarradas às fraldas da montanha do obscuro materialismo, num atraso moral e espiritual, lançam mãos da Pena de Morte, como se com a morte exterminassem o mal cuja raiz promana do espírito.

É por isto mesmo que estas idéias devem ser, cada vez mais, divulgadas.

O mundo precisa sentir que não

é com violência que se extermina outra violência, que não é com um mal maior que se coibe outro mal menor ou da mesma proporção do anterior. Afinal, estamos muito longe da «Pena de Talião».

E' isto o que pretendemos ir encetando, no momento em que a humanidade tangida pela incompreensão, vestida com a indumentária do materialismo engolfa-se no calabouço da desilusão, não sentindo que outras leis mais elevadas que as humanas regem toda a humanidade dentro de sua esfera visível, como, também, na esfera invisível.

À religião, baseada na ciência, compete a verdadeira redenção do gênero humano. Sabemos, ela trouxe ao mundo não apenas a alegria mas ainda o sentido. Uma vez que disto tenhamos ciência, uma vez sabedores de que o mundo não é obra do acaso, de que êle tem um sentido, necessário se torna, imitemos o bom lavrador, lançando a semente do bem, do amor e da concórdia, para uma promissora messe espiritual.

Em um mundo onde não há mais lei, nem moral nem intelectual, onde tudo é permitido, onde o mal não recebe punição e o bem recompensa, a vida torna-se abjeta, indigna de ser vivida. E é por isto que aí estão as leis, às quais já nos referimos, leis espirituais e materiais, estabelecidas pelos legisladores da Terra e do Cosmo, a fim de que sejam respeitadas e uma vez cumpridas possam conduzir a humanidade às suas mais nobres aspirações.

Temos que encontrar nosso caminho conduzidos por estas leis, rumo aos cimos de luz que se estendem no horizonte da espiritualidade.

Somos como os atores de um drama muito interessante, escrito por um autor muito sábio e bom, drama em que desempenhamos papel essencial, mas em que não podemos conhecer antecipadamente nem o mínimo tropêço. Para nós, a vida é sempre interessante, porque nascemos para a morte e morreremos para a vida. Em cada segundo que marca a nossa evolução, temos sempre algo que construir para a elevação nossa e a do nosso próximo, algo de necessário a cumprir para que as leis materiais e espirituais possam ser observadas e e respeitadas por todos.

MAS O MUNDO MELHORARÁ

v. lirenedo

A LONGUEMOS a vista para o que se passa hoje entre a humanidade — uma seqüência ininterrupta de dramas intensos. Lancemos o pensamento e o olhar ao caminho percorrido por esta civilização incoerente que herdámos — é a maré vasante e enchente de desvários poliformes. E vemos que, passado tanto tempo, mau grado a cruenta e contínua experiência, as dores e vicissitudes já curtidas pelo mundo, as coletividades não se integraram ainda numa fórmula de vivência física e psíquica mais elevada, um existir mental e social mais suave. Daí compreendermos a relatividade dos avanços de todo tipo até hoje efetivados; e que a tarefa evangélica ainda por fazer é imensa; e que a grande e radical reforma moral e espiritual do orbe há de se processar inicialmente no foro íntimo, isto é, no coração e na alma de cada indivíduo. A conclusão racional é que o homem só poderá fruir de seus melhores privilégios e viverá plenamente a vida quando por auto-iniciativa e espontaneidade consciente pura entrar em regime de espiritualidade—o que implica fraternidade, solidariedade, desapêgo, meditação, compostura, dignidade.

Sendo o homem filho de Deus, só usufruirá êle a paz existencial ansiada quando tiver presente e sempre presente a necessidade de ser bom, justo, honesto, tolerante, equilibrado, vindo assim a tornar-se digno exemplo aos outros, aos mais fracos, aos recalitrantes e de compreensão difícil, para os tantos recalçados do mundo, aos quais só o nosso exemplificar, a nossa boa ação e nosso agir compreensivo e justo conseguirão diminuir-lhes a revolta que vem espoucando de pessoas e grupos daqui e dali, que explodem por qualquer motivo e também sem motivo. De fato, o que sanará tais recalques e esfriará as revoltas e insubmissões condensadas nestes árduos cotidianos do mundo senão os nossos atos de bem, as atitudes constantes dos que mercê de Deus têm melhor visão das coisas? E mui gran-

de é a responsabilidade dos esclarecidos—chega-lhes de pleno a hora do trabalho fecundo, de imitarem na ação, no proceder os bons Espíritos que pela Terra passaram como indicadores dos caminhos perenes a levarem para o Alto. Depois, a bênção de termos sido criados à imagem do Senhor dos mundos não se completaria se para chegar a Êle não adentrarmos a luta pelo apurar dos sentimentos e depurar das paixões, de nossa melhoria intrínseca, na vida de relação de todo dia.

O Espiritismo lembra e instrui, alerta e prova que a vida não termina na morte, que após o desenlace físico continua o caminho para a alma. A lição pela purificação e elevação do Espírito — luta que negligenciamos comumente —, não termina com a destruição do invólucro carnal, mas segue a nos empolgar no Espaço. No além-túmulo também necessitaremos do calor da fraternidade e da solidariedade, teremos de exercitar o bem. Após o desencarne, mais intenso sentiremos a realidade de nossa mediocridade e a imantente grandeza divina. Podemos ser grandes e festejados na Terra; essa projeção e prestígio podem nos ofuscar a visão e a mente durante o nosso transcurso entre os homens, mas a verdade com as tremendas desilusões vêm depois... Reis a necessitarem da amizade de mercadores, senhores implorando a proteção e o auxílio dos servos, tudo evangélicamente.

Para galgarmos altura, nosso Espírito há de porfiar no bem sempre. Os degraus primeiros de nossa evolução assentam nos planos físicos, e a Terra nada mais é do que rampa de prova. Essa incontornável luta se processa dia a dia, que a vida é crisol. Quando neste plano terreal assim fácil aos erros, tão propício às tentações, houver espiritualidade de fato, tanto mais suave será o caminho a ser percorrido e vencido por nós que, sem exceção de um sequer, estamos sob prova.

Infelizmente, a atualidade superficialista, assim envolta em áspera técni-

ca e dinâmica, faz conseqüências seguidas para que o homem se atordoe no material, no imediatismo, faz que as criaturas menos precavidas se mecanizem dentro do desprêso de todos os preceitos do Mestre Jesus. E tal é desastroso. E vejamos a contrastante realidade: enquanto grupos esforçados, com abnegação divulgam os ensinamentos do Nazareno, procuram pela palavra escrita e falada difundir e dilatar as verdades espirituais mais prementes no momento, tantíssimos persistem na materialidade, num apêgo ao ouro e aos sentidos exatamente como nos recuados tempos pagãos. Mas o bem há de prevalecer e o mundo se fará melhor. No Brasil então, nesta hora de apaixonamentos, há motivos de forte alegria para os espiritas que vêem concretizarem-se coisas relacionadas à civilização do porvir, do Terceiro Milênio, na qual a Pátria do Cruzeiro e particularmente o seu coração geográfico, o Estado de Goiás, terão papel de primordial importância. Nesse atual empreendimento, assim tenaz e arrojado a implantar cidades, edifícios, pontes e rodovias no Oeste despovoado até hoje, há muita inspiração dos Mentores do Alto, que porfiam no bem legítimo presente e futuro da humanidade. Praza aos céus não faltem os imediatos continuadores, os sustentadores ininterruptos dessa obra ciclópica dizente às coletividades do Brasil e do mundo.

Mas voltemos ao assunto inicial: o Sermão da Montanha segue ecoando fracamente à maioria dos povos, das nações. Com amargura cordial atentamos que o panorama do mundo vai sombrio, com o grosso da humanidade impulsionando obstinada o combôio de todos os êrros. É um modernismo desabusado ameaça ali, avassala acolá a resistência moral-espiritual de criaturas, de lares, de famílias. Por outra, segue-se *fabricando* e respirando denso misticismo. Comercializa-se a superstição, e como resultante primária surge em todos os setores individualidades para as quais nada grave se lhes parecem as piores malfetorias, os maiores abusos, as mais vis explorações, as perversidades. Falsa religiosidade, for-

malismo de culto avolumam desacertos velhos e novos. Mas há de iluminar-se o hermético de tantas mentes, mas uma rija auto-determinação de evoluir há de instalar-se na alma humana tão propensa às credices, aos tabus, tão dada aos expedientes cômodos, à negligência. O homem entenderá que a religião pura vem do espontâneo cordial, sendo fôrça a revigorar-se e desenvolver-se na repulsão ao mal, na ação beneficiadora e aquisição crescente de conhecimentos melhores. O mal no mundo só durará até que o homem não abandone a estagnação voluntária em que jaz há séculos. Porque do apuramento individual chega-se ao melhoramento coletivo. Enfim, o homem virá a compreender a facilidade de sua libertação admitindo três coisas: — que as fraquezas obstam a ascencionabilidade; que os seus malfeitos serão cobrados de si mesmo cedo ou tarde; que a sua fé não é nada que deva sujeitar-se a influxos exteriores inspirados no interesse humano vicioso e deturpador.

Sim, caros confrades, como dizíamos no início destas linhas, forçoso é convir que a grande reação há de aflorar da alma do indivíduo. A reação espiritual e espiritualizante há de aflorar da criatura mesma. Logo, mistér é procurarmos ser o que o Pai Divino quer que sejamos para o jus às Suas bênçãos. Façamos por um mundo melhor, por uma civilização sadia eliminando esta secular repulsa à verdadeira fraternidade, à diligência, à honestidade. É bem a hora do FAZER pelo não prolongamento no mundo da já longuíssima esteira de violências, de iniquidades e angústias e guerras. Que cada um pois, endireite as veredas do Senhor no todo que lhe fôr possível. É preciso que toda criatura, desde a mais autorizada à mais humilde, leve bem dentro de si a luz do Nazareno, do Filho de Maria, que nos exortou e exemplificou a amar os outros como a nós mesmos. Elaboremos o bem, depuremo-nos, e as entidades superiores não faltarão com o seu precioso auxílio na nossa trajetória para luzes maiores, luzes que são a méta precípua do indivíduo, de povos, de govêrnos, do órbe, enfim.

UBIQÜIDADE E BILOCAÇÃO

Os curiosos fenômenos verificados com Padre Pio, de San Giovanni Rotondo -- Reflexões sôbre uma reportagem

A revista italiana «OGGI», de Milão, insere em seu número 22, de 28 de Maio último, uma reportagem da jornalista Anita Pensotti sôbre os curiosos fenômenos que se verificam com o Padre Pio, de San Giovanni Rotondo, na província de Foggia, Italia. Ocupando as páginas 8, 9 e 10 do referido número, com farta e excelente ilustração fotográfica, a reportagem da jornalista Pensotti nos faz pensar em muitas coisas, particularmente nos grandes êrros tradicionais do passado filosófico e teológico, aos poucos, e apesar de tremenda relutância, corrigidos pela ciência positiva. Entre êles: o antigo geocêntrismo, a natureza plana da Terra, a existência de vida apenas em nosso planêta, a natureza divina dos astros, a negação da circulação do sangue que teve o seu mártir no espanhol Serveto, e outras coisas assim.

O que acontece com o venerando Padre Pio, hoje conhecido em todo o mundo por suas virtudes morais e seus dons excepcionais, é também alguma coisa que nos lembra erros tradicionais em via de correção. Padre Pio é estigmatizado, ou seja, traz no corpo as chagas de Cristo, realiza curas milagrosas, aparece a pessoas distantes, lê os pensamentos das pessoas, quase não come nem dorme, e, sem ler jornais nem ouvir rádio, está sempre a par do que se passa no mundo. Segundo afirmam, ao cochilar rapidamente à noite, deixa o corpo na cela do convento e sai peregrinando pelo mundo, aparecendo aos que dêle necessitam. Por tudo isso o chamam de taumaturgo, possuidor do dom da ubiqüidade.

Se Padre Pio não fôsse padre, seria chamado de «médiu» e possuidor do dom de desdobramento ou bilocação, bem como de mediunidade curadora e de visão à distância. A palavra «Taumaturgo» quer dizer «fazedor de prodígios», e a palavra «ubiqüidade» quer dizer «estar em tôda parte». Essas duas palavras são tão impróprias quanto as

que serviam para antigamente designar a Terra como centro do Universo. A palavra «médiu» exprime de maneira mais clara e mais científica a natureza das pessoas que possuem êsses dons, e a palavra «bilocação» explica muito melhor e mais racionalmente o poder que têm certas pessoas de estar ao mesmo tempo em dois lugares: o corpo físico em um dêles e o espírito em outro.

A ubiqüidade é um poder que o homem nunca poderia ter, pois só a Divindade o tem. «Estar em tôda a parte ao mesmo tempo» é ser DEUS, e sômente DEUS o pode ser. Fazer prodígios ou milagres, no sentido sobrenatural, que confere ao ato a palavra taumaturgia, é também impossível à criatura, que vive rigidamente prêsá no arcabouço das leis naturais, criadas por DEUS. Mas desdobrar-se, como o fazia Santo António, deixando o corpo num lugar para manifestar-se em espírito noutra parte, é coisa que todos os mortais podem fazer, e que muitos fazem constantemente. Produzir ações mediúnicas de cura, ou ter percepções extra-sensoriais, são coisas que o homem pode fazer, dentro das suas condições naturais de existência, como o provam as observações e pesquisas científicas a respeito.

Em nossa época, em pleno desenvolvimento científico acelerado, convém que procuremos reajustar as nossas idéias, a respeito de fatos que até ontem eram considerados milagrosos, mas que já agora podem ser tratados à luz da ciência. O elemento espiritual e o elemento material são os dois princípios, as duas forças vivas da Natureza, completando-se uma pela outra e reagindo incessantemente uma sôbre a outra, sendo ambas indispensáveis ao funcionamento do mecanismo do universo. Da ação recíproca dêstes princípios nascem fenômenos que qualquer dêles isoladamente não se pode explicar.

É evidente que muita gente se oporá

a êstes conceitos como tantos se opuseram, e até mesmo de maneira violenta, às modificações das velhas e absurdas concepções sôbre a forma da Terra, a sua posição no Universo, etc. Mas o dever das pessoas de mente aberta e livre é lutar pela melhor compreensão das coisas. Os fenômenos que se passam com o Padre Pio não são únicos. Já se verificaram com numerosos outros padres, monges e freiras no passado e, tanto no passado como no presente, ocorreram e ocorrem com pessoas das mais diversas posições e crenças, em tôdas as partes do mundo. São, portanto, fenômenos constantes e não esporádicos, naturais e não sobrenaturais, que podem e devem ser conhecidos cientificamente.

O curioso é que na própria Itália, a generosa terra de onde nos vem as notícias sôbre Padre Pio, investigadores do passado trataram profundamente desses fenômenos, deixando-nos obras valiosas a respeito e investigadores do presente continuam a tratar dos mesmos. Do passado, podemos citar Ernesto Bozzano, o Prof. Chiaia, de Milão, o médico Enrico Imoda, o Psicólogo Morselli e o próprio criminologista Lombroso. Do presente, o Prof. Stopoloni, da Universidade de Camerino, o Dr. Gastone De Boni, Diretor da «Collana Studi Metapsichici», de Edizione Europa, Verona. E outros, no passado e no presente que não nos ocorrem no momento.

Mas tratemos dos fenômenos ocorridos com o venerando Padre Pio, e vejamos sua correlação com outros. No caso da chamada «ubiquidade», nada mais que o fenômeno de bilocação, é o próprio Bozzano que nos oferece numerosos exemplos. Em seu livro, «Popoli primitivi e Manifestazioni Supernormali», Cap. XI, encontramos o relato de vários casos, verificados entre povos selvagens e povos civilizados, de maneira a provar-se que o fenômeno é comum à espécie humana. Bozzano acentua que «o fenômeno de bilocação foi a muito reconhecido como autêntico, na base dos fatos, pela autoridade eclesiástica». Lembra assim os casos célebres de desdobramento de santos e místicos da Igreja. Mas, como vimos, o fenômeno é de ordem geral, verificando-se entre selvagens, nas tribos afri-

canas ou americanas, entre clérigos e místicos do mundo civilizado, e entre pessoas de tôdas as categorias sociais e tôdas as raças. Bozzano afirma no citado livro (Edizioni Europa, Verona 1946, pág. 246): «Em relação à grande verdade de que tratamos, observo que todos os que trataram a fundo do assunto, sabem seguramente que os fenômenos de bilocação ou desdobramento-fluídico, durante o sôno fisiológico, ou sonambúlico, ou estático, ou mediúnico, ou cataléptico, ou até mesmo no instante pré-agônico, são fenômenos reais e incontestáveis». Afim de exteriorizar mais o conceito ao leitor diremos que a «Metapsíquica» é uma Ciência de substância; ela nos mostra a essência dos fenômenos; ela é a ciência do absoluto. Ela não diz: poderia ser; diz: é. Não discute: afirma. Não pesquisa: expõe a verdade. Não apresenta problemas ou hipóteses: exprime os resultados. Ela não se abstrai em doutrinações ideológicas e dogmáticas; permanece sempre aderente aos fatos em que se baseia.

Quanto ao problema da estigmatização, os casos estudados são numerosos. Dos mais recentes, basta lembrar o de Tereza Neumann, na Áustria, ou da recruta italiana Francisca Santoni no ano de 1956; no tocante às curas, o Maggo de Nápoles Com. Achille D'Angelo; como também o da Senhora Tina De Michele de Iesi, a qual cura com a simples imposição das mãos; o Com. Memmo Nardi, de Pôrto San Giorgio, cuja faculdade mediúnica de cura foi posta ao serviço da ciência médica; outro caso, sempre na Itália, é o da D. Pasqualina Pezzola, de Pôrto Civitavecchia (Marche), esta Senhora além de ter o dom de cura, tem também o da «bilocação», que os jornalistas italianos confundiram (como fizeram com o padre Pio) com o da «ubiquidade». Êstes exemplos vivos evidenciam claramente o que podem fazer as pessoas dotadas desses dons, mesmo que não sejam santas e não pertençam a ordens eclesiásticas. Os casos de mediunidade curadora existem por todo o mundo. Bozzano, no livro referido, relata vários casos de cura à distância, entre os povos selvagens e os civilizados, para mostrar o caráter natural do fenômeno. Quanto à leitura dos pensamentos das pessoas, e à percepção de notícias ou fatos por meios

extra-sensoriais, são fenômenos que constituem hoje o mais sério objeto de estudo da Parapsicologia do Prof. Joseph Rhine, da Universidade de Duke, Carolina do Sul, U. S. A., nova ciência psíquica bastante difundida na América e na Europa, nos meios universitários.

Tudo isso nos mostra que o caso do Padre Pio, que tanto assombro causou à jornalista de «OGGI», não é um caso isolado, mas pertence a toda uma série de fatos largamente estudados pela Metapsíquica do Prof. Charles Richet, pelo Espiritismo, pela Parapsicologia moderna, pela Ciência Psíquica dos ingleses, da qual o Prof. Price, de Oxford, é atualmente um dos expoentes na Inglaterra, enquanto o Prof. Bjoerkem, de Upsala, é um dos expoentes na Suécia. Médiuns famosos, da própria Itália, como Eusápia Paladino e Linda Gazzera, ou de outros países, como Franck Kluski e Guzik, da Polônia, D. D. Home, da Inglaterra, Eva Carriera, da França, Ana Prado, do Brasil, e tantos outros, figuram na bibliografia Metapsíquica, parapsicológica e espírita, realizando todos os fenômenos atribuídos ao padre Pio, e muitos outros, ainda mais impressionantes, como os de materialização e de comunicações de espírito por voz-direta, ou seja, sem ser por intermédio dos sujeitos mediúnicos. No caso de materialização, cabe lembrar o episódio emocionante ocorrido com o Prof. Cesar Lombroso, em sessão com Eusápia Paladino, na presença do Prof. Chiaia, quando a mãe do grande criminologista se materializou e o abraçou.

Nossa intenção, ao invocar todos estes casos, para demonstrar que no caso do Padre Pio nada há de extraordinário ou inexplicável, sendo fatos e fenômenos que entram nas disciplinas filogenéticas do ser humano, por isso não é a de diminuir o valor do venerando sacerdote e de sua obra em San Giovanni Rotondo. Longe de nós essa intenção. Muito pelo contrário, queremos exaltar a sig-

nificação dessa obra, lembrando que ela pode servir de elo entre a Igreja e as verdades novas que a ciência aos poucos vai penetrando, a respeito da espiritualidade. Se o que ocorre com o Padre Pio é o mesmo que se verifica entre médiuns selvagens ou civilizados, então não há mais razões para considerar-se o caso do venerando Padre como uma graça especial, e ao mesmo tempo condenar-se os médiuns como embusteiros ou possessos do demônio. O direito de exame e de crítica é um direito imprescritível, a que o Espiritismo e a ciência Metapsíquica se submetem com tão boa vontade, quando têm de satisfazer a todo mundo. Todos têm o direito de aceitá-lo ou repeli-lo, contanto que o façam com conhecimento de causa.

A verdade, que ressalta cristalina do confronto dos fatos, é que a mediunidade, em suas várias formas, (de desdobramento, cura, de vidência, de percepção à distância e de percepção telepática), é uma qualidade natural da espécie humana, que tanto pode manifestar-se num sacerdote, como Padre Pio, quanto numa camponesa analfabeta, como Eusápia Paladino; num católico ou num protestante, como o Pastor Rev. Staiton Moses; ela é, portanto, uma faculdade inerente à própria vida e, com todas as suas deficiências e grandezas; é qual o dom da visão comum, peculiar a todas as criaturas, responsável por tantas glórias e tantos infortúnios na Terra. Nosso desejo, pois, é que o caso maravilhoso do Padre Pio sirva para chamar a atenção dos católicos para o problema mediúnico, mostrando que não há razão para guerras à mediunidade fora da Igreja, quando a mediunidade também se manifesta na Igreja, produzindo para esta os melhores e mais belos resultados.

Prof. Dr. Giuseppe Manuel Minardi
(Da A. P. I.)

Araraquara, 20 de Novembro de 1959.

Para o homem, Jesus constitui o tipo da perfeição moral a que a Humanidade pode aspirar na Terra. Deus nô-lo oferece como o mais perfeito modelo e a doutrina que ensinou é a expressão mais pura da lei do Senhor, porque, sendo êle o mais puro de quantos têm aparecido na Terra, o espírito divino o animava.

Hipnotismo e Espiritismo

I

ULTIMAMENTE, algumas obras de caráter científico sôbre Hipnotismo vêm surgindo, cujos autores, em um esfôrço no devassamento do enigma mental, merecem a admiração dos que apreciam o culto à verdade.

Contudo, em algumas delas, entre o útil que oferecem, seus autores, talvez enlevados pelo imenso e maravilhoso campo que se descortina, têm procurado bitolar dentro da hipnose outros fenômenos mais amplos, que se projetam para além dos limites da mente humana.

Uma dessas literaturas, destacando-se pela maestria em que seu autor cuida de questões sôbre a função dos fenômenos do Hipnotismo, é o «Manual de Hipnose Médica e Odontológica», do ilustre médico patricio dr. Osmárd Andrade Faria. Firmado nas experimentações pavlovianas sôbre os reflexos condicionados é prazer ler e estudá-la, pela sua clareza descritiva, dando-nos a idéia de nos acharmos dentro do próprio cenário dos misteriosos abismos mentais. Francamente, ali tivemos coisas já lidas, mas nunca explicadas por aquela forma que se descreveu.

No entanto, no decorrer da obra, há pontos em que não concordamos com o autor e, sem que lhe percamos a admiração, rogamos-lhe o direito de expormos o porque da nossa discordância. Um dêles é no que se refere ao Espiritismo.

Inicialmente diremos que bons conhecedores de outros assuntos não se têm saído bem nas questões desta doutrina, geralmente pelo fato de não respeitarem a distinção entré Mediunismo e Espiritismo, quando um e outro não são a mesma coisa. Revelam nada terem lido sôbre a doutrina kardecista e para julgá-la procuram falsos caminhos, como os são as práticas sincréticas dos Candomblés, passando pelos terreiros de Umbanda e outros grupos semelhantes que, em realidade, nessas mesclas de outros credos, o que de menos têm é a

parte que se possa relacionar com o Espiritismo.

Entretanto, é de se reconhecer que boa parte de culpa nêsses enganos também cabe a êsses sincretismos pelo abuso de rotularem-se de Espiritismo, confundindo os observadores desatentos que, ao invés de se guiarem pelas literaturas básicas da doutrina em vista, procuram errôneamente aquelas práticas primitivas, de origem afro-brasileira. Talvez seja por êste motivo que o autor do «Manual de Hipnose Médica e Odontológica», ao tentar discorrer sôbre o Espiritismo, antecipou-se em outros informes estranhos ao que deveria escrever, precipitando-se, no assunto, ao julgar o que se faz nos «centros kardecistas», conforme ali se lê na pág. 443 referindo-se aos espíritas em geral: «Ali se trabalha sem método, desordenadamente; ali se trabalha com indivíduos que na sua maioria pertencem ao tipo débil, desequilibrado, instável, com predominância estérica ou neurótica.»

Embora o objetivo do autor seja em fazer crer que nos fenômenos praticados nas sessões espíritas tudo é hipnose, dizendo ao mesmo tempo que ali se trabalha com indivíduos desequilibrados, contrastando assim com o seu próprio conceito em outra parte do seu livro, onde diz que a capacidade de aprendizagem e a inteligência são fatores para a suscetibilidade hipnótica, predicados êstes que não pertencem aos desequilibrados, o nosso exame aqui não é sôbre esta contradição. O nosso desejo é demonstrar a falsidade dessa declaração que vem atingir indistintamente os espíritas de desequilibrados.

Ora, entre os adeptos do Espiritismo, conforme provam os nossos congressos, solenidades e literaturas, conta-se uma classe de intelectuais, integrada por médicos, engenheiros, advogados, militares, entre êstes os das mais altas patentes, e outros mais graduados em bancas escolares. Como conceber que êstes homens, que cursaram rigorosas disciplinas acadêmicas, sejam desequilibrados, quando, no geral, acham-

se em pleno desempenho de suas atividades profissionais, cuja responsabilidade exige perfeito equilíbrio mental? E pela posição intelectual a que chegaram, nem mesmo estariam de acôrdo na frequência de tais ambientes ridículos, que não existem no sêio da nossa doutrina, onde os adeptos, desde os mais simples, orientam-se pelas nossas obras básicas pela moral, método e ordem doutrinárias.

Como se vê, a questão é delicada, pois aquela acusação veio pesar sôbre nomes que honrosamente pertencem a intelectualidade do país.

Contrapondo à opinião do autor, apreciemos o que diz o eminente prof. Luiz Silva, fundador da Odontologia Legal. No trimensário, «Difusão Odontológica», exemplar de Outubro a Dezembro do último ano, em certo tópico, em um dos seus belos trabalhos sôbre hipnose, podemos ler: «Concorde-mos, para argumentar, lembrando que o Espiritismo não fica atrás, com vantagens incontestáveis. Cientistas do mais alto coturno, homens de letras, talentos e gênios, estudaram e estudam o Espiritismo.»

Ainda, o ilustre prof. Henrique Roxo, catedrático da Clínica Psiquiatria da Faculdade de Medicina, do Rio de Janeiro, gosando fama internacional, embora também tivesse deixado em diferenciar no sentido exato os termos Mediunismo e Espiritismo, ao cuidar do assunto no seu combate às práticas religiosas sincréticas, concluiu no final, desfazendo confusão, ao declarar o que pretendeu dizer, no seu remate com as seguintes palavras, na pág. 475, do seu «Manual de Psiquiatria», 4.^a edição: «O Espiritismo que é praticado por grandes sábios, e que motivou um excelente livro do justamente pranteado prof. Charles Richet, deve ser estudado. Não provoca a loucura; aquêle que pode ser causa é o espiritismo de exploração dos ignorantes das classes populares.»

Ora, que vem a ser êste espiritismo de exploração? Reconhecendo duas espécies de espiritismos; um sem doutrina explorado desordenadamente, outro doutrinário estudado até por sábios, apesar do mestre ter usado um único vocábulo para explicar duas questões diferentes, deixou subentendido que se referia no seu combate sôbre os peri-

gos das práticas mediúnicas livres, e não ao Espiritismo propriamente dito, o qual êle ainda recomenda estudar.

O Espiritismo que possa ser estudado é um só e que se compreende pelo de Kardec, o qual não se trata de um dom mediúnico, mas de uma doutrina representada por um corpo de obras básicas, onde o mediunismo também é estudado racionalmente com método, pelos adeptos que desejem praticá-lo, se bem que o seu emprêgo seja facultativo aos estudiosos do kardecismo.

Também, aquelas palavras do mestre ainda vêm contraditar a interpretação do autor, sôbre a declaração de diretores de Sanatórios de que 90 % dos internados passaram pelos terreiros ou centros espíritas. Que passaram não duvidamos porque geralmente os parentes responsáveis pelo alienado, quando não encontram a cura pela medicina fora dos Sanatórios, no princípio do mal, em geral, antes de interná-lo, para o que nem sempre há o necessário, procuram os recursos das práticas mediúnicas, atraídos pelos seculares informes de que o mal estaria relacionado com a condição do espírito do indivíduo. Assim, quando acertam bater nas portas dos verdadeiros centros espíritas, onde se cultiva a mentalidade doutrinária, recebem orientações para internamento nas nossas casas de tratamento mental, que se acham sob a direção de médicos competentes na especialidade. Esta verdade confirma-se pela própria opinião oficial, conforme publicação n'«A Revista Paulista de Hospitais», órgão oficial da Associação Paulista de Hospitais, onde ali, em seu número de Fevereiro de 1956, um trabalho apresentado ao 1.^o Congresso Nacional de Hospitais, diz na 3.^a coluna da pág. 20: «Entretanto, a Doença Mental para os leigos sempre foi considerada doença espiritual, o que motivava a procura dos Centros Espíritas, antes mesmo da consulta aos médicos. Isto fez com que em algumas regiões do Estado, os espíritas criassem verdadeiros Hospitais para Doenças Mentais. Êsses Hospitais cresceram, evoluíram e hoje são considerados bons Hospitais, onde ao lado da assistência religiosa, se procede a assistência médica.»

De fato, os nossos Sanatórios para doentes mentais têm amenizado em

grande parte êsse grave problema que é tão velho como a humanidade, pois não nasceu há 100 anos, quando surgiu a doutrina do Espiritismo, o que demonstra aos nossos detratores que o assunto não é nosso. E a investigação sincera sôbre a origem da alienação busca saber qual a condição do alienado na ocasião em que eclodiu o mal, e não por onde êle teria passado nas diversas fases da doença.

E mais, é importante sabermos que em tais casos a eclosão da loucura depende da predisposição do indivíduo, cuja latência precipita-se diante de choques emocionais. Tôda prática, seja qual for sua natureza, não causa traumas psíquicos, desde que seja precedida de estudos teóricos esclarecedores. Portanto, tais acidentes não se dão no Espiritismo, onde o estudo antecede suas práticas doutrinárias. Êste é um assunto que se precisarmos voltar a êle, não nos faltarão elementos para discorrermos a questão com vantagens.

Outra coisa é querer explicar os fenômenos mediúnicos das práticas espíritas, pelo Hipnotismo.

A quem desejar vir a campo sustentar esta tese, aconselhamos a prudência para que se conheça antes o que informa a ciência sôbre a extensão dos fenômenos mediúnicos pelas materializações ectoplásmicas efetuadas nos laboratórios. Trata-se de fatos, e não de palavras. Sôbre Crooks, assistido por uma equipe de sábios nessas experimentações, basta dizer que elaborou uma obra sôbre os seus resultados, a qual sômente pelo seu título, «Fatos Espíritas», já diz por nós. De Richet, seria interessante conhecer suas pesquisas de materializações, sob rigoroso contrôle. O exigente mestre francês, desconfiado de tudo e de todos, apesar de ver, tocar e fotografar suas materializações, desconfiou até de sua própria subjetividade, submetendo sob análise química um seu fantasma, pelo embranquecimento da água de barita e pela excreção do gás carbônico, à maneira de um sêr organicamente vivo.

Ainda, outros célebres nomes, como Lombroso, Lodge, Flammarion, enriquecem nossas literaturas. Atualmente, podemos citar o prof. Price, da Universidade de Oxford, Inglaterra, cujas poucas palavras extraídas de um noticiário

da United Press, publicado nos principais jornais do país, em 4-7-1956, por si só já dizem muito: «Vale a pena observar que nem tôdas as aparições são fantasmas de pessoas mortas, por isso prefiro evitar o termo «espírito», pois seria bastante peregrino falar do espírito de um ser vivo».

O prof. Haraldur Niellson, catedrático da Universidade da Islândia, em Reykyavik, testemunhado pelo escritor Kvaran e o médico psiquiatra, Sveisson, publicou um livro, «Minhas Experiências Pessoais sôbre Espiritualismo Experimental», declarando em determinado tópico: «Em algumas sessões o novo visitante conseguia apresentar-se sete ou oito vêzes aos nossos olhos e em numerosas sessões vimos ao mesmo tempo o médium e a forma materializada.»— continuando, mais adiante diz —: «... permitindo que lhe palpássemos o corpo efêmero antes de desmaterializar.»

J. B. Rhine, da Universidade de Duke, EE. UU., em seu livro «The Reach of the Mind», declara: «O nosso problema fundamental, ou seja, a natureza do homem, implica existência da alma como sistema não físico. Existe algo de extra-físico ou de espiritual na personalidade humana. A hipótese da alma ficou demonstrada.»—e logo mais continua —: «As nossas pesquisas oferecem um forte indício a favor da sobrevivência, bastariam essas pesquisas para que esta surgisse em nosso espírito.»

Enfim, essas amostras, que valem pelas suas verdades, e não pelos neologismos que lhes possam criar, servem de advertência aos que negam as revelações mediúnicas dos fenômenos espíritas. E a extensão desta fenomenologia também adverte os que desejam explicar o mais amplo pelo mais restrito. Bastaria um repto para que produzam um único fenômeno de materialização pela hipnose, para que se liquidasse o assunto.

Acreditamos que apenas o exposto já seria o suficiente para mostrar a distinção entre Hipnotismo e Mediunismo experimental, pois como diz Richet, reproduzindo Bergson: «... a prova estatística, em certos casos, nada significa, e só uma experiência perfeita, basta.»

Aqui, como se nota, apresentamos sômente as testemunhas científicas, sob provas concretas, para que não se

levantem dúvidas. Mas não julguem os adeptos do Hipnotismo absoluto que somente as materializações provam o Mediunismo.

Nos fenômenos mais comuns das psicografias mediúnicas, as quais aparentam com a escrita automática da hipnose, pelo raciocínio pode-se destacar uma e outra fenomenologia. A dúvida poderá surgir quando as produções do indivíduo em transe não vão além da sua capacidade intelectual. Mas quando o teor das mensagens ultrapassa os conhecimentos do paciente, o bom senso indica que a causa está fora do seu grau mental de inteletividade. Pela hipnose, como compreender que um indivíduo possa originar conhecimentos da sua mente, os quais ali não teriam penetrado pelos métodos da aprendizagem? Poderia êle oferecer mensagens em idiomas que lhe seriam estranhos, contrariando assim os postulados da Psicologia?

O autor mesmo confirma o que estamos dizendo, ao escrever sobre a transmissão da palavra falada, do agente ao paciente, conforme se lê na pág. 98, do seu livro: «Tal fato tem evidente valor em hipnose, explicando porque motivo só a palavra falada no próprio idioma do paciente, só a palavra que faça parte do seu vocabulário pessoal, terá para êle efeito condicionador.»

Falando sobre tais fenômenos da Xenoglossia, vejamos algumas palavras de Richet, no seu livro «A Grande Esperança», pag. 225: «Que o médium fale muitas línguas que, sendo vivas, êle não conhece, é verdadeiramente maravilhoso. Decididamente, a explicação espírita é a mais aceitável.» E' lógico, Richet, sensato na sua sabedoria, não iria aceitar que o paciente pudesse jorrar conhecimentos, por conta própria, que não se achavam dentro de sua mente.

Em 1935, ocasião em que a família do saudoso escritor Humberto de Campos, movia processo contra o mé-

dium Chico Xavier, a direção d'«O Globo», jornal do Rio, promoveu inquérito para apurar o que havia de verdade sobre esse famoso psicógrafo de Pedro Leopoldo, Minas. Foi quando mensagens em idiomas reconhecidamente estranhos ao médium surpreenderam os inquiridores. Os informes com minúcias interessantes e dignas de notas sobre essas célebres sessões, os interessados encontrarão nos exemplares de 23 de Maio a 4 de Junho daquele ano, nesse matutino, ou no livro «O Caso Humberto de Campos», de Miguel Timponi.

Antes de findar desejamos ainda esclarecer que as atitudes mecanicistas do médium pelas psicografias e psicofonias são as mesmas das do paciente pelas escritas e falas automáticas na hipnose, cuja semelhança é capaz de confundir o observador superficial. Mas tal confusão não existe para o pesquisador atento que se baseia pelo conteúdo das produções, nas quais se revelam a origem das mensagens, notadamente quando estas vão além dos conhecimentos do indivíduo em transe, conforme já explicamos antes.

É natural que nas mensagens simples, embora os nomes subscritos sejam inferências que não se podem desprezar nas identificações, pode-se tomar um fenômeno hipnótico como mediúnico. Mas o mesmo também pode suceder a vice-versa nas sessões do Hipnotismo.

Assim teremos que apesar dos casos que se possam confundir entre-meando-se, as observações analíticas podem separá-los para que a existência de um não negue a realidade do outro.

E aqui encerramos essa parte e, no próximo número desta Revista, ainda voltaremos com a nossa atenção sobre o que mais se disse no «Manual de Hipnose Médica e Odontológica», nas questões relacionadas com o Espiritismo.

V. O. Casella

Caixa Postal 153 — Araraquara
Est. de S. Paulo

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

No Roteiro de Jesus

A sobrevivência do espírito humano depois da morte carnal é uma questão debatida, elucidada e aceita por uma esmagadora maioria das religiões professadas na face da Terra. O Espiritismo, porém, veio comprovar com fatos, praticamente, essa sobrevivência. Não só veio comprová-la, como veio estabelecer os meios pelos quais todo mundo pode obter os fenômenos vários que a comprovam.

Qualquer um pode ficar convicto da sobrevivência do ser, da imortalidade da alma. Querendo esclarecer-se e convencer-se, basta tomar conhecimento das experiências honestamente efetuadas por inúmeros experimentadores, constantes de obras por êles editadas, dentre as quais sobrelevam-se as seguintes: O Livro dos Espíritos, o Livro dos Médiuns, Céu e Inferno, de Allan Kardec; A Alma é Imortal, de Gabriel Delanne; Depois da Morte, O Porquê da Vida, O Além e a Sobrevivência do Sêr, O Problema do Sêr, do Destino e da Dôr e No Invisível, de Leon Denis; Animismo ou Espiritismo? A Crise da Morte, Xenoglóssia e Fenômenos Psíquicos no Momento da Morte, de Ernesto Bozzano; Parnáso de Além Túmulo, livro psicografado pelo notável e queridíssimo médium Chico Xavier, verdadeiramente único nos anais espíritas, contendo uma das provas mais robustas da identidade pessoal «post mortem» dos poetas Castro Alves, Guerra Junqueiro, Casemiro de Abreu, João de Deus, etc.; Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, de Oswaldo Mello; Fazenda Mal Assombrada, de Alexandre Dias; O Trabalho dos Mortos, farta documentação sôbre materialização dos espíritos, de Nogueira de Faria; No Limiar do Eetéreo, de J. Arthur Findlay; Antonio de Pádua, de Almerindo Martins de Castro; Fenômenos de Materialização, de M. Quintão; Fatos Espíritas, de William Crookes, compêndio de provas inegáveis obtidas por êsse sábio de renome universal, com o testemunho de muitos outros expoentes da ciência contemporânea; e muitos outros, que fôra fastidioso enumerar.

Os autores dêsses livros reuniram um conjunto de tôdas as provas imagináveis da imortalidade da alma. Ao mesmo tempo conseguiram provar, com absoluta segurança, que o espírito sobrevivendo, pode comunicar-se e, de fato, comunica-se conôscos, depois da morte do seu corpo físico. Provaram mais, ainda. Provaram que o espírito desencarnado possui muito maior amplitude de ação do que nós, efetuando proesas inconcebíveis, muito além de nossas possibilidades. As investigações foram feitas pelos vultos maiores de todos os setôres da ciência humana, muitos dos quais estão aqui citados, que chegaram a essas conclusões irrefutáveis. Todavia, aquêles que duvidar poderá proceder como êles procederam; e chegará a obter idênticos resultados. Chegará mesmo com mais facilidade a essas conclusões, visto que as leis e as regras, que êles não conheciam, para obtê-las, já foram estabelecidas, depois.

Hoje, tudo isso constitui uma ciência. E, como ciência é tão respeitável e digna de estudos como qualquer outra. Essa ciência tornou-se parte do corpo de uma doutrina — o Espiritismo. Dignos de comisseração são todos quantos desprezam, malsinam ou procuram, de qualquer forma, combater os estudiosos de uma ciência. Sobretudo, com muito mais razão, quando êsses tais a combatem capciosa e maquiavêlicamente; ainda mais quando se trata de uma ciência como esta, de importância capital para todos os homens.

Sintonizemos os nossos corações, amigos e irmãos, para recebermos a chamadas dos Céus.

Para cima e para a frente, no roteiro de Jesus!...

Vozes do Espaço alertam os homens de boa vontade na Terra, para advertí-los quanto à necessidade de viverem segundo os preceitos cristãos. Milhares de mensagens já nos enviaram da Erraticidade os Espíritos caridosos, cultivadores incansáveis da seára de Jesus. Centenas de livros guardam essas advertências dos mensageiros de Cristo.

Mas os corações humanos parecem pouco dispostos a adotá-las.

Em geral, todos experimentamos grande prazer na sua leitura, retirando delas os mais surpreendentes enlêvos. Há mesmo uma ânsia geral pela literatura mediúnica. Esgotam-se, rapidamente, edições e mais edições das obras doutrinárias transmitidas à humanidade pelas entidades de além-túmulo através dos médiuns psicógrafos, ouvintes ou telepáticos.

Quase não há mais o que revelar a respeito da vida eterna. Todos os seus segredos estão mais ou menos esclarecidos.

Entretanto, pouco aproveitamos essa luz transcendente para a nossa reforma espiritual. Por isso Emmanuel, o luminoso mensageiro, que se serve habitualmente do médium Chico Xavier, lançou a seguinte advertência no final do prefácio de «Os Mensageiros», livro que contém uma série de revelações fei-

tas pelo espírito de André Luiz: «Se procuras, amigo, a luz espiritual; se a animalidade já te cansou o coração, lembra-te de que, em Espiritualismo, a investigação conduzirá sempre ao Infinito, tanto no que se refere ao campo infinitesimal, como à esfera dos astros distantes, e que só a transformação de ti mesmo, à luz da Espiritualidade Superior, te facultará acesso às fontes da vida divina. E, sobretudo, recorda que as mensagens edificantes do Além não se destinam apenas à expressão emocional; mas sim, acima de tudo, ao teu senso de filho de Deus, para que faças o inventário de tuas próprias realizações e te integres, de fato, na responsabilidade de viver diante do Senhor».

Ascendamos, amigos e irmãos, para a Espiritualidade Superior, no roteiro de Jesus.

Aleixo Victor Magaldi

V. Redonda, Dezembro de 1959

Crônica Estrangeira

A «Dama de Cinza» leva conforto aos moribundos

«Reformador», de «La Revue Spirite»

Com êste título o jornal «Nice-Matin» (14-10-59) deu a conhecer aos seus leitores a existência do «fantasma» feminino que, num hospital de Londres, há muito tempo vem desempenhando a missão de amparar numerosos aflitos que se acham às portas da morte.

Assim escreve o referido jornal:

«Os fantasmas ingleses freqüentam geralmente velhos castelos, mas são também encontrados nos hospitais, tal como esta «dama de cinza», que aparece aos moribundos num hospital de Londres e lhes dá conforto na hora suprema.

A aparição tem os traços de uma mulher em idade madura, de olhar doce, com uma blusa de enfermeira. A blusa é cinzenta, notando-se que há quarenta anos as enfermeiras dêsse hospital abandonaram a cor cinza pela azul.

Segundo o pessoal do hospital,

duas enfermeiras faleceram nesta mesma casa, no comêço do século, e a «dama de cinza» seria o fantasma de uma delas.

A «Sociedade de Pesquisas Psíquicas» interessou-se por êste caso, e um de seus membros, o Dr. Paul Turner, recolheu testemunhos que ontem deu a público no órgão da Sociedade. Eis alguns dos fatos relacionados:

Fevereiro de 1958:—Uma mulher que sofria de doença incurável disse à enfermeira da noite que uma dama com vestimenta cinza se aproximara dela durante a noite e que, cheia de solicitude no olhar, lhe forneceu uma xícara de chá.

Setembro de 1956:—Um homem de 75 a 80 anos, que tinha câncer no pulmão bem como a doença de Paget, declara à enfermeira que lhe vem trazer um jarro com água: «Não há necessidade, pois acabo de beber um copo d'água». A enfermeira quer saber quem lhe deu o copo d'água. O doente responde: «Foi esta encantadora dama de cinza que está neste

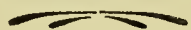
momento ao pé do meu leito». Naturalmente, a enfermeira não viu ali ninguém. Dois dias mais tarde, o doente morria.

Dezembro de 1957: — Um homem de 37 anos, com câncer generalizado, pergunta à sua enfermeira: «Onde está a senhora de uniforme cinza que aquecia as mãos à lareira?» Não se vira ninguém junto à lareira e, dois ou três dias depois, o enfermo falecia.

Comentando êstes fatos, e vários outros do mesmo gênero, o Dr. Turner salientou que os enfêrmos estavam sob a influência de calmantes no momento de suas visões e que os medicamentos absorvidos teriam podido provocar nêles alucinações. Mas como se explica que todos tenham tido a visão da mesma «dama de cinza»? Por telepatia, sugere o Dr. Turner, porque ainda que as enfermeiras nunca houvessem falado da «dama de cinza» aos doentes, elas conheciam sua história e telepaticamente a transmitiriam àquêles.

Qualquer que seja a explicação, conclui o Dr. Turner, é fato que numerosos doentes, colocados nas salas reservadas aos moribundos, têm visões de uma dama com vestimenta cinza, tida geralmente por uma enfermeira, e que lhes vem trazer confôrto em seus últimos instantes.»

Sim, é fato, e todos os doutores Turner do mundo nada poderão fazer contra esta evidência tão bela e tão encantadora. — (SULYAC.)



Porém, o cão que êle viu estava «morto»

De «Two Worlds»

Lucian Landau olhava fixamente para a forma de um cão alsaciano.

Não é sempre que se acorda à meia noite e vê uma forma espiritual. Especialmente de um cão. Particularmente um alsaciano. E as vantagens de ver a forma espiritual de um cão alsaciano castanho escuro devem ser de um para milhões.

Mas era isso que estava vendo Lucian Landau.

De manhã êle voara de Londres a Gênova em um B. E. A. Como consultor industrial êle trabalhou duramente durante o dia todo na fábrica de um colega, snr. Antoniades. À noite êle se hospedou com Antoniades e sua irmã.

O jantar deu-lhe grande fadiga. Indicaram-lhe o seu quarto de dormir e quando sua cabeça pousou no travesseiro êle estava quase dormindo. Então êle acordou mais rapidamente ainda.

Alguém entrara no quarto — isso êle descobriu instantâneamente. Seu rosto estava para o lado da parede, assim êle se voltou e viu «uma massa de luz frouxa». Era arredondada sem contôrno agudo. E isso não iluminava qualquer dos objetos no interior do quarto, que permanecia em profunda escuridão.

Não estava na casa

Dentro da luz êle viu a figura de uma mulher na qual reconheceu a esposa «morta» de seu hospedeiro. Êle nunca a encontrara, mas um mês antes, no hotel West End, êle viu sua figura esvaecente de pé ao lado do marido triste, Antoniades, e ponde descrevê-la detalhadamente.

Então, a mulher parecia sorrir. A seu lado estava o cão. Era um alsaciano, de pêlo castanho, não preto. Landau percebeu um murmúrio.

«Diga-lhe». Então a visão desapareceu.

Ao almoço êle perguntou a Antoniades se sua mulher alguma vez possuira um cão alsaciano todo castanho.

«Sim», respondeu o hospedeiro, declarando que o cão ainda estava vivo.

Landau ficou surpreso porque não tinha visto sinal de animal na casa.

Não no canil (abrigo de cães)

«Êle não está aqui», disse Antoniades». Quando minha mulher adoeceu achei difícil cuidar dêle e tive necessidade de me desfazer do cão. Êle está no canil, 60 milhas longe daqui».

Landau perguntou se êle estava certo de ainda continuar vivo o cão e sugeriu-o a telefonar ao canil. Antoniades foi obrigado a esperar o dia todo antes de obter ligação, devido a um defeito da linha.

Quando conseguiu falar, foi informado que o cão fôra destruído.

(Relatos escritos de Landau e An-

toniades, confirmando a autenticidade dessa ocorrência, que se realizou em dezembro de 1955, aparecem na atual edição do «Jornal da Sociedade para Investigação Psíquica»).

O Amigo Fantasma

Por F. Lockood

Eis aqui o resumo duma experiência recente que talvez interesse aos leitores :

Se observarmos o mapa das Ilhas Britânicas notaremos que o ponto mais setentrional das Hébridas se chama a Ponta de Lewis. Vê-se aqui um faról, precàriamente alcandorado nas escarpas duma falésia rodeada de recifes e ilhéus rochosos.

Num domingo de manhã, a 16 de Junho de 1957, encontrava-me ali sòzinha. A manhã estava tão enevoadá que não se divisava o cume do faról, visto de baixo, e o mar mostrava-se encapelado e escumante. O sinal de nevoeiro soava com intervalos freqüentes.

Era um dia impossível para fotografias ; assim mesmo, resolvi tirar uma, para recordação desta visita. Como a minha máquina era a côres, trepei por ali, tentando captar um tom da côr avermelhada do mar para dar vida às rochas cinzentas e à espuma que emergia do nevoeiro. Senti então a presença dum amigo que eu sabia estar doente a mais de 700 quilómetros do local.

Como eu, era ciclista entusiasta e

comprazia-se na fotografia a côres nas suas viagens.

Tirei a fotografia e parti. O incidente esfumou-se no meu espírito durante certo tempo, mas, alguns dias mais tarde, pedalava eu através dum carriero pouco freqüentado, não longe de Peebles, quando, mais uma vêz, notei a sua presença.

Continuei a pedalar e durante meia hora conversámos e quase discutimos por vêzes (amistosamente, é claro).

Havia qualquer coisa que êle queria continuar após a sua morte, qualquer coisa que sempre lhe despertara grande entusiasmo. Concordámos em princípio, discordámos nos pormenores, mas, por fim, esclarecemos tudo com mútua satisfação.

Mostrou-se, contudo, surpreendido que eu tomasse a sua visita como coisa corrente ; mas, quando lhe expliquei que estava habituada a falar com os «invisíveis», pareceu compreender.

Alguns dias depois voltei a casa e perguntei por êle. Disseram-me que se encontrava no hospital em estado inconsciente nos momentos que acabo de referir.

Morreu uma ou duas semanas mais tarde.

Na manhã do seu funeral pedalava eu por uma estrada agradável e sossegada, quando voltou a falar-me, muito bem disposto, dizendo-me que tinha outros assuntos a tratar nêsse dia, mas que voltaria em breve.

(Traduzido do «Your Fate», de Fevereiro de 1958).

AOS NOSSOS COLABORADORES

Seria agradável que pudessemos aumentar o número de páginas desta «Revista» para possibilitar um atendimento mais constante na publicação de trabalhos dos prezados colaboradores. Isso, porém, não tem sido possível para não agravarmos, no momento de tantas dificuldades, o custo de assinaturas.

Assim, para podermos contentar a todos, publicando maior número de vêzes as produções de cada um, pedimos que nos mandem artigos que não ultrapassem de três páginas da «Revista», resumindo ou sintetizando as suas teses, proporcionando-nos, dentro do espaço reduzido disponível, atender melhor a todos e oferecer leitura mais variada ao público.

Para trabalhos de estudo e longo fôlego, há o recurso de dividi-los em pequenos capítulos seriados.

Pedimos também o cuidado dos artigos serem escritos a máquina, em dois espaços, e num só lado da folha de papel, a fim de facilitar-nos a composição e a revisão.

A REDAÇÃO

Espiritismo no Brasil

XIII Concentração de Mocidades Espíritas do Brasil Central e Estado de São Paulo

Verdadeiro acontecimento social-espírita — A grandiosidade do movimento em Campinas nos dias 14 a 17 de abril —
A importância das realizações espíritas na cidade de Carlos Comes — Três grandes associações e suas obras de benemerência

A cidade de Campinas, cognominada a capital cívica do país pela participação centralizadora que exerceu na campanha da abolição dos escravos e da propaganda republicana, foi cenário magnífico da XIII Concentração de Mocidades Espíritas do Brasil Central e Estado de São Paulo, compreendendo, além dêste, os de Minas, Goiás e Mato Grosso, levada a efeito nos dias 14, 15, 16 e 17 de abril.

Ao ensejo dêsse certame, representantes de «O Clarim» e da «Revista Internacional do Espiritismo» estiveram presentes e puderam observar a grandiosidade do acontecimento, que ficou marcando época nos fastos do Espiritismo em terras brasileiras.

As atividades da Concentração tiveram transcurso normal e entusiástico esgotando o vasto programa e correspondendo à dedicação do Conselho Diretor, o qual não poupou esforços para o êxito alcançado.

Com apoio geral dos espíritas de toda a região e o comparecimento de dezenas de Mocidades, iniciou-se a Concentração no Centro Espírita «Allan Kardec» com entrega das credenciais

e visitas a várias organizações assistenciais.

Êsses atos foram realizados pela manhã, de 14 de abril, e às 14 horas, na sede da União Espírita «Antonio Carlos», abriram-se os trabalhos sob direção do professor Ary Lex, sendo examinados os resultados das teses de várias Mocidades, seguindo-se mesa redonda sôbre métodos de estudo.

À noite, no Centro «Allan Kardec», após discreta parte artística e saudações de moços de Mato Grosso e São Paulo, o professor Rubens Romanelli, de Belo Horizonte, Minas, pronunciou substancial conferência para uma assistência atenta e numerosa que superlotava o salão de capacidade para mais de mil pessoas. Conferencista de pulso, historiou a marcha do homem, através dos tempos, o qual, como bandeirante, viveu descobrindo e conquistando terras e continentes e os astros do infinito e o mundo dos infusórios e até as tentativas pela posse dos satélites e planêtas que rodeiam a Terra, lamentando que a criatura, nessa maravilha de conquistas, não tenha enfrentado o estudo de si mesmo, desvendando e conhecendo o seu próprio

enigma, isto é, o mistério de sua existência para se integrar em Jesus. Numa peroração feliz, indicou os quatro caminhos que levam ao Mestre nazareno e que são as estradas: a de Damasco, com o deslumbramento, como o de Saulo; a de Jerusalém, com a renúncia; a de Jericó, com o samaritano e a caridade; e a de Emaus, com a revelação. Apelando, por fim, para que cada qual se assegure do seu destino abrindo o coração a Jesus, terminou, o professor Rubens Romanelli, a sua linda e profunda lição de Espiritismo, recebendo mais que consagradora manifestação de aplausos.

No dia seguinte, 15, cedo, continuaram os trabalhos, no Centro «Allan Kardec», com mesa redonda das Mocidades sôbre evangelização da criança, preenchendo programa, e às 14 horas, torneio evangélico doutrinário sob criterioso sistema.

Às 20 horas, no mesmo local, parte artística e saudações de representantes de Goiás e Minas Gerais, e a palavra torrenciosa de Divaldo Pereira Franco, de Salvador, Bahia, que empolgou uma assistência das maiores. O orador expôs, com riqueza de conhecimentos, a verdadeira história da ciência, em busca das provas da existência da alma, para terminar falando do monumento doutrinário do Espiritismo erguido pelo esforço e a cultura de Allan Kardec, o missionário insuperável. Tão grande foi a impressão causada ao imenso auditório, que as pal-

mas estrugiram calorosas por longos e vibrantes minutos.

Dia 16, pela manhã, houve o concurso de oratória entre jovens representantes, e à tarde, na União «Antonio Carlos», sugestões e debates sobre Regulamento das Concentrações, escolha da nova sede, que ficou sendo Campo Grande, Mato Grosso, e eleição do Conselho Diretor da próxima Concentração.

À noite, no Centro «Allan Kardec», outra festa de arte, de saudações pelos vencedores do concurso de oratória, de posse do novo Conselho Diretor e, finalmente, a ansiosamente esperada conferência de Jacob Holzmann Neto, de Curitiba, Paraná. Jovem tribuno, de extrema simpatia, como os demais, não desmentiu a fama que o consagra como um dos grandes oradores da atual geração. Prendendo, por largo tempo, a atenção de uma platéia também repleta, desenvolveu tese racional da luta pela liberdade do pensamento, começando por focalizar a vida e o sacrifício de João Huss, passando por Martinho Lutero, e Swendenborg até chegar a Allan Kardec, quando a mente humana se liberta dos velhos preconceitos, e se abre aos esplendores da ciência, da filosofia e da religião, tecendo, o orador, um hino ao Espiritismo e a Jesus.

Como seus colegas, das noites anteriores, colheu, ao findar sua estupenda oração, uma avalanche de aplausos, intensos e prolongados.

Todos os três oradores falaram por mais de hora e meia e invocaram ao final a Jesus para que penetre em todos os corações.

Domingo, 17, verificou-se, no Educandário Euripedes, reunião de confraternização e despedida.

Em nossa próxima edição, além do resumo minucioso das atividades da XIII Concentração, publicaremos nossa apreciação relativa às realizações das sociedades espíritas de Campinas, que tudo vêm fazendo pelo Espiritismo em benefício geral.

Salve a Concentração das Mocidades Espíritas pela beleza moral de que se revestiu!

Abraham Lincoln

Patrono da Escola inaugurada pela Associação Espírita Cairbar Schutel

Ensino primário gratuito para crianças pobres — 140 alunos, com 3 professoras da Prefeitura de Duque de Caxias — Rio de Janeiro — Campanha de sede própria

Com a presença do sr. Adolpho David, Prefeito Municipal de Duque de Caxias, foi inaugurada no dia 12 de março p. findo, a *Escola Primária Abraham Lincoln*, criada pela Associação Espírita Cairbar Schutel, daquela cidade fluminense.

A convite do Presidente Ademar Duarte Constant, abriu a solenidade o sr. Romeu de Oliveira Carvalho, sócio-fundador e atual Presidente de Honra da entidade, que a seguir entregou a condução dos trabalhos ao Prefeito Adolfo David.

À Mesa, tomaram assentos o Exmo. Sr. deputado Waldyr Souza Medeiros, do Legislativo Estadual, Joaquim Tenório Cavalcanti, Romeu Oliveira Carvalho e o vereador Thomé Siqueira

Barreto, da Câmara Municipal local.

Com o salão repleto de convidados, professoras, representantes das entidades espíritas de Caxias e de associados, falou, inicialmente, o advogado e consócio dr. Salvador Pereira da Rocha, que numa saudação a Lincoln, exaltou sua vida e sua obra. Seguidamente, falaram os srs. Manoel Lucas de Souza Junior, sócio-fundador, Mário José Floriano, representante da União dos Espíritas de Caxias; sr. Joaquim Tenório Cavalcanti, alto funcionário estadual; sr. Antanas Alexsandravicius, presidente do Centro Espírita Thiago Apóstolo; professora Dirza M. Vieira, Diretora da nova escola; deputado Waldyr Souza Medeiros; o sr. Adolpho David, e, por último, encerrando e agradecendo a cooperação de todos que ajudaram à escola, o Presidente Ademar Duarte Constant. Dentre muitos fatos importantes, levantou o problema da aquisição da sede própria, destacando, na sua oração de agradecimento, a colaboração da Câmara Municipal, por haver considerado a entidade como órgão de utilidade pública, e do Prefeito Adolpho David, que além das professoras que indicou, também ajudou substancialmente na construção de uma dependência para aulas.

Não teve tempo, dado o adiantado da hora, para mencionar os grandes serviços prestados pelos consócios Manoel Felipe Marins e Alfredo Bispo de Souza, êste, coletando materiais e ajudando à Presidência na solução dos problemas que iam surgindo, e, o sr. Felipe Marins, co-

mo responsável e executor das obras, às quais se dedicou de corpo e alma vários dias, até à inauguração da escolinha. Felipe Marins foi um gigante, uma expressão de grandeza humana e a êle a Associação de Cairbar muito ficou a dever.

Convidado o Exm.^o Sr. John Moors Cabot, Embaixador dos Estados Unidos da América, não pôde comparecer, em virtude de compromissos assumidos anteriormente, conforme comunicação em officio, mas assim mesmo teve a gentileza de remeter dezenas de preciosos livros históricos e didáticos, mapa e duas biografias de Lincoln, em português e inglês, esta ricamente encadernada e com gravuras da vida do grande estadista.

Presentemente, a escola agasalha a 140 alunos. Cuida-se de ampliá-la para 160 crianças com a indicação de mais uma professora. Seu corpo docente é composto das professoras Dirza M. Vieira (Diretora), Nair Silveira G. José e Purcina Vidaurre Leite.

—
Notável pregadora carioca
profere conferência em
Duque de Caxias

Por iniciativa de Senhoras da Associação Espírita Cairbar Schutel, o Centro Espírita Thiago Apóstolo engalanou-se para receber a notável confreira ILVA TAVARES, pregadora da Liga Espírita do Rio de Janeiro.

Conhecida dos espíritas duquecaxienses, mais uma vez dispôs de um auditório numeroso e atento, que bebeu sôfregamente seus ensinamentos.

Sob o tema «Escolha das Provas», discorreu a oradora com muita precisão e sensibilidade acêrca das vicissitudes de cada um, frisando com destaque especial o cumprimento do dever, a resignação no sofrimento e a firmeza de vontade para a superação e triunfo da dôr.

Além de comentar aspectos negativos e positivos do mediunismo do qual ofereceu oportunos exemplos, demorou-se nos problemas da educação doméstica para a formação do homem e o equilíbrio da sociedade.

*

A convite do sr. Antanas Alexandravicius, Presidente do «Thiago Apóstolo», ocupou a presidência dos trabalhos o confrade Ademmar Constant, Presidente da Associação Espírita Cairbar Schutel.

*

Entremeada de cânticos alusivos a Thiago Apóstolo e a Kardec, além de recitativos do Coral da Casa, composto de adultos e crianças, a solenidade preencheu maravilhosamente a tarde do dia 27 de março último, assinalando mais um avanço no desenvolvimento cultural do espiritismo na terra de Lima e Silva.

Do Correspondente

Sétimo aniversário do Lar «Marília Barbosa»

Em Cambé-Paraná, o Lar «Marília Barbosa», de proteção a meninas desamparadas, festejou o sétimo aniversário de sua fundação, ocorrido em 29 de março

último, já com 47 crianças abrigadas.

Ressaltando êsse acontecimento, «O Imortal» órgão do Centro Espírita Allan Kardec, daquela cidade, apresentou-se, em 25 do mesmo mês, com uma edição especial, ilustrada de clichês significativos e repleta de matéria variada alusiva à instituição aniversariante, que tem como patrono o espírito de Marília Barbosa, a saudosa esposa do não menos saudoso Leopoldo Machado.

Entre as fotografias estampadas, encontram-se as de Cairbar Schutel, João Leão Pitta e José Maria Gonçalves da equipe de espíritas matonenses, da primeira hora, já desaparecidos do plano terreno. Êste fato chamou a nossa atenção para uma realidade patente. Tanto o diretor do Lar «Marília Barbosa», como o responsável pelo «O Imortal», é o mesmo Hugo Gonçalves; nascido e criado em Matão, sendo filho de José Maria Gonçalves e discípulo de Cairbar Schutel, e que, muito jovem ainda, se destacou pelo esforço próprio, indo colocar-se, em companhia do dedicado Luiz Picinin, à frente daquela instituição de assistência social e do citado órgão de publicidade, como um galho ou vergôntea da árvore espírita matonense que, mergulhando na distância, foi florir na promissora Cambé, do grande Estado do Paraná.

Por tudo isso, é imenso o nosso júbilo, sentindo que o Lar «Marília Barbosa», cuja existência se firmou em definitivo, e também «O Imortal», são entidades nossas irmãs, emergidas do mesmo impulso criador de «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo», o

que vale dizer, da capacidade incentivadora de Cairbar Schutel, o qual, da modestia do seu labor em Matão, fez brotar, pelo Brasil afora, as sementes do seu apostolado.

Eis, porque, pelo ideal e pela familiaridade, tornou-se comum para nós a alegria dos espíritas de Cambé, pelo sétimo aniversário de seu Lar Infantil, que fala tão

alto da obra assistencial do Espiritismo em terras brasileiras.

Parabens aos confrades daquele vibrante rincão paranaense.

Homenagem a Cairbar Schutel

A exemplo dos anos anteriores, realizou-se no dia 31 de Janeiro último, nos salões da Biblioteca Infantil Municipal do Itaim, sito à rua Lopes Netto, em São Paulo, uma grande reunião patrocinada pelo Centro Espírita «Cairbar Schutel» em homenagem ao seu patrono, pela passagem do seu 22.º aniversário de desencarne, e, pelo 21.º aniversário de fundação do Centro acima.

A referida reunião que decorreu num ambiente de fraternidade cristã, contou com a assistência de mais de mil pessoas. Os trabalhos foram iniciados às 15 horas com uma prece pelo nosso companheiro Alfredo Pagliarini, que, em companhia dos diretores da Associação de Propaganda Espírita do Estado de São Paulo, foram os dirigentes.

Inicialmente o esforçado confrade Alfredo Pagliarini, usando da palavra, falou com muito brilhantismo sobre o homenageado, sendo muito aclamado por todos. Em prosseguimento, foram desfilando pelo palco os seguintes números, de autores espíritas: «Carta aos Inconformados»; «Séquito de Caridade»; «Jesus e a mulher»; «O Estudante»; «Deus e a Criação»; «Conversa entre amigos»; «Eu entrei depois»; «Escola do Evangelho» e «Homenagem a Cairbar», interpretados pelos seguintes alunos e dirigentes dos Centros Espíritas «Cairbar Schutel» e «Ismael»: Jurema S. Pagliarini, Flamarion Ismael Alves, Iara Alves da Silva, Victor Sebastião, Fenelon Alves, Filemon Alves, Alda Sebastião, Carlos Meciano, Rosa Maria dos Santos, Adauto Meciano, Gamaliél Castro, Joél Alves, Marcos Meciano, Tamar Alves, Eunice Mazzuca, Ivan Alves da Silva, Wilma Guidini, Walda Munhoz, Walter Guidini, Ivens Alves Silva, Estér de Castro, Mauricio Guidini, Wladimir Franco de Moura, Francisco Guidini, Waldomiro Alves, Flóra Alves e muitos outros.

O sucesso alcançado pelos núme-

ros acima, que foram entusiasticamente aplaudidos pela grande assistência presente, deve-se ao esforço de nossa companheira Amélia M. Pagliarini, professora dos Cursos de «Catecismo Espírita» e «Curso de Alfabetização» mantidos pelo Centro Espírita «Cairbar Schutel».

Os alunos do Centro Espírita «Cairbar Schutel» que freqüentam os cursos de «Catecismo Espírita»; «Curso de Alfabetização»; «Estudo do Livro dos Espíritos» e «Oratória», que se destacaram durante o ano de 1959, foram premiados em livros de diversos autores espíritas, entre eles, Cairbar Schutel, Chico Xavier e Allan Kardec.

A reunião encerrou-se às 19 horas com uma prece em agradecimento aos Bons Espíritos, pela fraternidade como decorreram os trabalhos.

Conselho Federativo Nacional

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da Ata da sessão ordinária, de
5 de março de 1960

À hora regimental, profere o Presidente a prece inicial e declara abertos os trabalhos, mandando ler a Ata da reunião anterior, que é aprovada. Em comentário, anuncia o Presidente uma emissão de seis milhões de selos em homenagem a Zamenhof.

São Paulo — O Conselheiro Carlos Jordão comunica o lançamento da pedra fundamental da *Casa Transitória*, em S. Paulo, no dia 25 de Janeiro último, e relata o grande êxito alcançado pela Convenção dos Educadores Espíritas, realizada em Ribeirão Preto, de 11 a 14 de Fevereiro, com a presença de educadores, espíritas e não espíritas, paulistas e de outros Estados. Diz ainda, que o 1.º Curso de Dirigentes de Sessões e Orientação de Médiuns, iniciado em 7 de Janeiro, conta com ele-

vado número de inscrições e promete satisfatórios resultados.

Pará — O Conselheiro Ramiro Gama anuncia a realização, em Abril próximo, da Semana Espírita, e diz da notável atividade da Federação Paraense no setor de assistência aos necessitados.

Minas Gerais — O Conselheiro Miranda Ludolf lê carta da União Espírita Mineira, congratulando-se com o Conselho e com a FEB pela obtenção do título de *UTILIDADE PÚBLICA NACIONAL*.

Espírito Santo — O Conselheiro Alberto Nogueira Gama transmite ao Conselho um pedido de informações sobre uma organização espiritista. Responde o Conselho, por seu Presidente, que tal organização se apresenta como de caráter nacional, de sorte que o C. F. N. e a F. E. B. nada têm que informar sobre ela.

Feita a prece final pelo representante do *Piauí*, encerra o Presidente a reunião às 16 horas.

—
**Súmula da Ata da Sessão ordinária, de
 2 de Abril de 1960**

À hora regimental profere o Presidente a prece inicial, na qual lembra o Médiun Francisco Cândido Xavier, que na data completava cinquenta anos de idade. Lida a Ata de 5 de março, é ela aprovada.

O Presidente comunica haver recebido notícia da fundação, em Buenos Airas, do «Instituto Espírita Universal», que programou um «Curso sobre o Espiritismo», bem como um ciclo de conferência, aos sábados, às 21 horas.

Santa Catarina — O Conselheiro Manoel Bernardino comunica sua re-

condução ao cargo de representante da Federação Espírita Catarinense, junto ao Conselho.

Distrito Federal — Por proposta apresentada pelo Conselheiro Aurino Souto, foi aprovado um voto de congratulações com a Confederación Espiritista da Argentina, pelo esforço que ela vem desenvolvendo a prol da unificação do movimento espírita naquela grande nação.

Minas Gerais — O Conselheiro Dr. Miranda Ludolf transmite comunicação da renovação de poderes do Conselho Deliberativo da União Espírita Mineira.

Amazonas — O Conselheiro Luiz Montorfano noticia a continuação da construção do Hospital Espírita do Amazonas e o constante empenho da Federação Amazonense na difusão da Doutrina.

Mato-Grosso — O Conselheiro Clemente Martins dá conhecimento ao Conselho das palavras proferidas pelo Coronel Duílio Lena Berni no ato da inauguração do Grupo Escolar «Guia Lopes», em Campo Grande.

Rio de Janeiro — O Conselheiro Cap. Tenente Walter Mascarenhas fala da decisão da Federação, que dirige, de acompanhar fielmente o pensamento de aprovação da Federação Espírita Brasileira relativamente às horas de arte em festivais de organizações assistenciais, relatando ainda o grande êxito do Curso Pré-Natal, instalado na sede da Federação, e a posse da nova diretoria desta, em 31 de Março.

Feita a prece final pelo representante do Rio Grande do Norte, é encerrada a reunião, às dezesseis horas.

NECROLOGIA

Germano Emilio dos Anjos

Em Caraguatatuba, onde residia ultimamente, pereceu afogado nas águas do Oceano Atlântico, no dia 2 de março, o nosso querido companheiro Germano Emilio dos Anjos, antigo representante de «O Clarim»,

espírita dos mais conhecidos e esforçados na difusão da Doutrina pela palavra e pelo exemplo.

O confrade Antenor de Souza, em carta, nos contou que o Germano desencarnou quando tomava banho de mar e acentua que, tendo um rapaz se esforçado para salvá-lo, quando Germano viu a inutilidade

do esforço, pediu ao jovem que o deixasse morrer sozinho, para não sacrificar a vida do mesmo.

Até nesse gesto de coragem e de cuidado pelo semelhante o nosso velho confrade deu provas de sua compreensão de espírita.

— Ao espírito que regressou à vida espiritual nossos votos de paz e luz.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Cristianismo e Espiritismo
Na seara do Mestre
Na Escola do Mestre
Nas pegadas do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
Obras Póstumas
A Genese
O Espiritismo e as Doutrinas Es-
piritualistas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Principiante Espírita

Vários assuntos:

A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
A Grande Esperança
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Evolução
Resumo da Doutrina Espírita
A Loucura sob um novo prisma
A crise da Morte
Fenômenos de «Transporte»
A Psiquiatria em face da reencar-
nação
O Espiritismo à luz da crítica
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Depois da morte
O Espiritismo à Luz dos Fatos
A Reencarnação
Como os Teólogos refutam

Romances:

Ave Cristo
Amor e Odio
Nas telas do Infinito
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Memorias do Padre Germano
Do Calvário ao Infinito
A tragédia de Santa Maria
Marieta
Marta
A Barqueira do Júcar
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
Eleonora
Alguem chorou por mim
Mireta
Redenção
Lidia
A Sonâmbula
O Chanceler de Ferro
Herculanum
Memórias de uma alma
A vingança do Judeu
Cruzada Redentora — 3 vols.

Infantis:

Seara Infantil
Conselhos ao meu filho (contos)
Os apuros de Raimundo
Meu livrinho de Orações
Historietas do Irmão Monteiro
João Vermelho no Mundo dos Es-
píritos
Os meus deveres
História de Catarina
Mensagem do pequeno morto
História de Maricota
Jardim da Infância
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas Obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»—Caixa Postal, 11 - Matão - E. S. Paulo.— Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Parábolas e Ensinos de Jesus

Já se acha pronta a nova edição de «Parábolas e Ensinos de Jesus», de Cairbar Schutel, uma das grandes obras do infatigável apóstolo do Espiritismo.

Aliás, essa obra sempre foi disputada pelos cultores da doutrina e todos, agora, poderão obtê-la, nesta última edição, encadernada e de feição gráfica muito bem apresentada, em tipo gráfico, e, portanto, de agradável e fácil leitura.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço: Cr.\$ 150,00 e mais Cr.\$ 6,00 para o porte e registro ou a Serviço Postal de Reembolso.

O DIABO E A IGREJA Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5.^a edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual, verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: Cr.\$ 30,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

“Gênesis da Alma”

Comunicamos aos nossos prezados leitores, que acaba de sair do prélo e já se acha à venda na Livraria «O Clarim», a 7.^a edição de «Gênesis da Alma», da autoria do nosso companheiro Cairbar Schutel.

E' uma obra indispensável aos estudiosos dos assuntos anímicos e espíritas, pois trata da evolução da alma através das camadas inferiores da natureza até chegar a escala animal, hominal e ir para a frente até a escala dos seres superiores.

E' um trabalho sintético e bem esclarecedor do assunto, ao alcance de tôdas as inteligências.

A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço Cr.\$ 25,00, e mais 6 cruzeiros para o porte e registro.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: A. Watson Campêlo

Redator: Italo Ferreira

Redação e Administração
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira*, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	—	Assinatura simples	Cr.\$120,00
Semestre	—	„ „	60,00
Ano	—	Assinatura registrada	180,00
Semestre	—	„ „	90,00

NÚMERO AVULSO CR.\$ 12,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro

e na LIVRARIA ESPÍRITA EMMANUEL

Rua Quintino Bocaiuva, 161 — 4.º andar — Sala 2 — SÃO PAULO

pe